



O CORPO NA ARQUITETURA

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO TGI.II 2019 - INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO - IAU USP . DISCENTE - FABIANA GRANUSSO



O CORPO NA ARQUITETURA

A BUSCA PELA AUTONOMIA DO CORPO NO GRANDE ESPAÇO DA METRÓPOLE

FABIANA GRANUSSO

orientador CAP prof. dr. **Joubert José Lancha**

orientador GT prof dr. **Paulo César Castral**

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO IAU.USP
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO TGI.II

2019

AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GG764c Granusso, Fabiana
O CORPO NA ARQUITETURA : a busca pela autonomia
do corpo no grande espaço da metrópole / Fabiana
Granusso. -- São Carlos, 2019.
94 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2019.

1. corpo. 2. educação. 3. símbolo arquitetônico. 4.
urbanidade metropolitana. 5. barra funda - sp. I.
Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

BANCA EXAMINADORA

.....
Joubert José Lancha . INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO - USP

.....
Paulo César Castrol. INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO - USP

.....
Catherine Otondo. UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

FABIANA GRANUSSO
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO TGI.II
2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Associação Atlética Internacional De Limeira, ao grupo musical Clube da Esquina, aos cafés matinais da Fernanda e aos cafés da tarde do Lucas, ao bar do Toco, aos mestres do IAU, especialmente aos psicólogos Castral e Joubert;

às minhas irmãs Flávia e Mônica que me inspiram todos os dias, aos meus pais Antonio Carlos e Giselda, por me suportarem em todos os sentidos;

aos meus queridos amigos de longa estrada, Renan e Ana Carolina, sem dúvida, sem vocês este trabalho não seria possível.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
a permuta corpo-espço	
o corpo como resistência e instrumento de ação na era contemporânea	
a construção do corpo coletivo	
2. LOCAL DE ATUAÇÃO	22
a metrópole e o corpo	
são paulo - barra funda	
barra funda - água branca	
3. REFERÊNCIAS	38
políticas municipais voltadas à educação	
um centro unificado	
córregos urbanos	
4. AÇÕES PROJETOAIS	46
diretrizes	
concepção do CEU	
perspectivas	
5. BIBLIOGRAFIA	90

RESUMO

A partir de uma leitura que examina o próprio corpo enquanto espaço e reafirma a sua existência a partir do reconhecimento do outro e do lugar onde se insere, este trabalho busca refletir acerca dos espaços normatizados pela nossa sociedade que oprimem e alienam o corpo, procurando contribuições através do projeto arquitetônico e das políticas públicas educacionais de modo a provocar a reversão dessas anomalias e devolver a autonomia ao indivíduo na aquisição do conhecimento e na propagação de uma urbanidade mais participativa e responsiva.

Neste sentido, este trabalho direciona-se à metrópole paulista que reproduziu em diversas camadas a conformação dos corpos através de seus mecanismos de disciplinamento, controle, produtividade e capitalização da vida, promovendo uma cidade que prioriza os espaços reservados à circulação livre de bens e serviços mais do que para as pessoas se movimentarem e se desenvolverem. É, portanto, na cidade de São Paulo, marcada por uma epidemia de individualismos, onde seus habitantes estão cada vez mais desvinculados do grupo, que aponto a crítica aos modelos espaciais homogeneizadores, buscando na arquitetura das instituições públicas de ensino uma alternativa de construção do corpo particular e do coletivo.

Palavras chave: corpo , educação, símbolo arquitetônico, urbanidade metropolitana.



INTRODUÇÃO

A PERMUTA CORPO-ESPAÇO |

14

[1] BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

[2] HEIDEGGER, Martin. Bâtir, habiter, penser. in Essais et Conférences, Paris, Gallimard, 1958.

O espaço preenchido por nossos corpos e as formas tridimensionais, recheadas de símbolos, valores e sentimentos, conformam nossas experiências afetivas e nos proporcionam uma dinâmica de relações que ultrapassam o próprio espaço, que assim logo reconhecido, torna-se um lugar. Em “A poética do Espaço”, Bachelard (1989) ^[1] comenta a fenomenologia do habitar reconhecendo na figura da casa, o espaço para além da realidade, mas da virtualidade dos pensamentos. É este abrigo primordial do homem que o liga a sua subjetividade, às suas memórias, seus sonhos e sua solidão. No entanto, este microcosmo está junto à imaginação humana através do imagético da casa, ou seja, não é só o homem que habita a casa, mas também a casa que habita o homem. A relação entre os lugares e o corpo é uma permuta, e a construção dos espaços possui forte capacidade de colonizar nossas ideias através de uma linguagem arquitetônica manifestada. Martin Heidegger em “Bâtir, habiter, penser” (1958) ^[2] julga o indivíduo habitando o mundo e levando consigo o universo do espaço habitado, comungando dos mesmos valores oníricos entre lembrança e imagem. Este espaço que é carregado de imagens e formas autônomas, pouco a pouco edificadas, significadas e ressignificadas, são capazes de direcionar muitas outras práticas e sociabilidades cotidianas, de modo que as trocas entre o ambiente e o campo social se colocam em codependência. É a partir desse entendimento da ideia de espaço que podemos compreender o nosso corpo como uma força que extrapola o território a partir da apropriação, do uso e da imaginação. É na conexão biunívoca entre matérias e movimentos que nos apossamos do espaço enquanto ele age sobre nós.

O CORPO COMO RESISTÊNCIA E INSTRUMENTO DE AÇÃO NA ERA CONTEMPORÂNEA |

Na cidade onde prevalece o domínio do capital apoiado pela normatização dos espaços, o corpo é continuamente diminuído pelas pressões desencadeadas através dos lugares produzidos com o objetivo de manter a cultura de consumo. Deste modo, obriga que o próprio corpo torne-se uma âncora das próprias necessidades individuais, como um território subjetivo alternativo, mas desconectado do todo. Porém, é também pelo entendimento da força de poder dos corpos que somos capazes de olhar para os processos de construção dos territórios e elaborarmos possibilidades de modificações frente a essa cultura do capital.

Richard Sennett, em sua tese “Carne e Pedra” (2003)^[3], faz uma bela análise acerca do elo entre a cidade e a anatomia, construindo uma relação entre o desenho hierárquico do urbanismo e o corpo humano em diferentes fases da história, passando por Atenas, Roma, Paris moderna e Nova York.

O autor nos revela que as palavras como “artéria” e “veia” se integraram ao urbanismo, mostrando que as descobertas acerca do fluxo sanguíneo no século XVII não permaneceram encerradas na medicina, mas percutiram na economia - com o ideário de circulação do livre mercado - e no urbanismo - criando sistemas expressos de locomoção (SENNETT, 2003).

Assim, se por um lado o corpo torna-se referência na produção dos espaços, em contrapartida, temos um longo período de conformação dos corpos que restringe a experiência espacial num período de disciplinamento, que tem início na mesma época, e que atinge seu auge no século XX, trazendo o regime de controle e produtividade para dentro da organização social.

A questão importante que se coloca é quais são as consequências dessa cidade artéria que produziu espaços reservados para a circulação livre sem levar em conta os corpos dos indivíduos. Ao invés de permitir a autonomia destes pela ação, a ciência enfatizou o desprendimento das interações e este paradigma

[3] SENNETT, Richard. Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.

[4] FOUCAULT, M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1993.

[5] O Panóptico, de Jeremy Bentham, foi a arquitetura escolhida com o objetivo de “[...] assegurar uma vigilância que fosse ao mesmo tempo global e individualizante separando cuidadosamente os indivíduos que deviam ser vigiados.” (FOUCAULT, 2004 a, p.216). Uma torre e seu vigilante oculto são dispostos no centro de um espaço circular, cujo perímetro se divide em celas que se abrem para o pátio interior e para a torre de vigilância, mantendo os prisioneiros sob controle.

mudou as relações entre os corpos e o ambiente urbano. A cidade moderna que surgia reproduziu essa ideia. O conceito de um corpo criativo e sensitivo, sofre uma anulação a partir dos processos de seriação e aceleração, tornando-o um corpo voltado à produção e objetificando-o também como um produto.

É através do controle das operações do corpo, centrada nesta racionalização do mundo, que Foucault (1993, p. 126)^[4] analisa como a arquitetura e a tecnologia privilegiam a sociedade disciplinar. O disciplinamento se espacializa atuando pela vigilância e pelo confinamento, sempre na tentativa de extrair mais força produtiva e lucro.

Estes mecanismos de controle que culminam na era moderna organizando nossa sociedade, nos traz à contemporaneidade onde as tecnologias multiplicam sua força num regime a espaço aberto, de comunicação instantânea e virtualidade da disciplinarização.

Neste novo contexto, as instituições que funcionavam como fábricas de corpos obedientes já não são mais necessárias enquanto processo de redução do corpo como força política, visto que a estrutura do panóptico^[5] – como modelo espacial de vigilância adotado por Foucault –, foi substituída por um sistema mais preciso e disperso de controle.

Se após a Segunda Guerra Mundial um novo cenário é colocado – ligado principalmente ao uso e inovação de novas tecnologias – a propagação das câmeras, aparelhos celulares e cartões de crédito serão dispositivos muito mais eficientes para controlar e contabilizar informações, extrapolando os espaços fechados institucionais para abraçar de vez a vida social, cada vez mais desvinculada do grupo e amortecida no corpo.

Nesse cenário, o imaterial ganha força no campo social, perdendo suas imagens antes ancoradas nos símbolos coletivos, que promoviam a adesão entre os planos individuais e comunitários.

Os meios de comunicação têm anestesiado a consciência corporal tornando os corpos passivos às experiências reais, de modo que as cenas teatralizadas pelas mídias se tornam mais potentes que a expressão do mundo concreto,

pois já não há conexão ativa entre o sensível e o corpo.

E se por um lado a crítica que revisava o modelo homogeneizador moderno apontou para o espaço público, a rua, a praça da cidade, como redenção e promoção dos lugares do encontro e da alteridade, o que esse espaço significa agora quando uma cultura de negação da realidade é absolutamente naturalizada em nosso meio?

Sennett classifica este individualismo urbano como uma composição de diferentes classes sociais que não dialogam, nem se reconhecem entre si, ainda que compartilhem do mesmo espaço. Assim, deixa-nos uma importante reflexão: será possível delinear uma relação harmônica e transformadora entre diferentes grupos sociais a despeito de nossas contradições humanas? Se a divergência e o conflito provocados pelas diferenças provocam um afastamento irremediável, onde se encontra o espaço da alteridade na vida cotidiana que nos permitirá reconhecermos uns aos outros?

17

CONSTRUÇÃO DO CORPO COLETIVO |

Se não podemos preservar o espaço público de nossas antinomias sociais, talvez devamos repensar nossos espaços simbólicos de construção da cidadania. Logo, pensando nas instituições escolares como um dos primeiros espaços da prática do encontro e da experiência coletiva, sobretudo, descentralizada dos vínculos familiares, busca-se evocar a imagem de engajamento comunitário na participação do viver e compartilhar com o indivíduo que difere.

Fazendo frente ao modelo institucional voltado ao controle, como denotado por Foucault, mas resgatando o caráter simbólico que carrega as edificações escolares como espaço de desenvolvimento e aprendizado coletivo - “justamente numa época histórica em que o crescimento demográfico, as crises

[6] LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. Arquitetura e Educação. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

[7] GADOTTI, Moacir. História das ideias pedagógicas. São Paulo: Editora Ática, 1998.

econômico-sociais e a pluralidade cultural exigem, de cada um, a capacidade de saber-se ser humano" (LIMA, 1995, p.194)^[6] – busca-se através dos fenômenos espaciais atingir o corpo, devolvendo-o aos seus sentidos.

Assim colocado, qual é o poder que os volumes têm às nossas percepções? É possível ao arquiteto desencadear, através da precisão formal de uma edificação, determinadas reflexões acerca do próprio espaço e do nosso corpo político?

A escola, como objeto arquitetônico construído, merece ser reconhecida como símbolo influente das práticas formativas, aquela capaz de nos distinguir do modo natural de existir de outros seres vivos através da educação e da cultura (SEVERINO apud GADOTTI, 1998, p.11)^[7]. Esta representação é a que dá ao espaço o reconhecimento do lugar: do conflito positivo, motor da construção coletiva do saber e fomentador do bem comum que insere o indivíduo em seus atos responsáveis com o todo.

Para tanto, faz-se necessário que a escola se proponha, arquitetonicamente, estar a salvo do sistema de controle. É preciso quebrar a performance funcional que colonizou os corpos à imagem estética da máquina, não de forma a abolir a escola, visto que guarda significativa importância para a vida social tanto em interação entre os indivíduos, como em torno da construção do conhecimento. Mas reconduzi-la ao símbolo que evoca a importância dessa informação. As instituições necessitam expandir-se para além dos muros, suscitando a sua relevância política e, portanto, participativa na formulação do conhecimento e do saber em conjunto com a sua comunidade.

Assim, temos a escola como este primeiro mundo que nos apresenta para além das nossas conformidades familiares. É o contraponto que se estabelece e nos mostra diferentes alternativas que nos permite refletir a partir de outras contradições.

Posto isso, é a partir do contato com esta experiência que podemos transgredir para um universo de novas imagens e construir novos valores, possibilitando-nos ir além de uma expectativa circunscrita.



LOCAL DE ATUAÇÃO

A METRÓPOLE E O CORPO |

Cada vez mais, crianças têm poucos espaços para o desenvolvimento e o aprendizado do viver coletivo, da partilha, da solidariedade, das regras traçadas em comum. (LIMA, 1995, p.194)

A insuficiência espacial que limita o lugar do aprendizado coletivo, é sobretudo uma censura encontrada nas densas cidades, que se desenvolvem com bases na aceleração produtiva demandada pelo capital e pela especulação do espaço privado aplicado no território.

Na metrópole paulista, os mecanismos de aceleração, massificação e disciplinamento voltados à manutenção do sistema econômico, reproduziu em diversos níveis a conformação dos nossos corpos.

É para a cidade de São Paulo, onde os fenômenos urbanos homogeneizadores expandem os valores individualistas, que este trabalho se direciona, buscando nas instituições de ensino uma via de construção do espaço comunitário e do desenvolvimento do universo particular de cada indivíduo.

Nesta cidade, a atuação projetual busca questionar acerca da importância e do impacto que os parques públicos e espaços institucionais teriam enquanto promotores da liberdade, da compreensão das medidas, dos volumes e da magnitude espacial, onde o espaço privado vem naturalizando situações de confinamento, de repetição e de apego ao mundo virtual desumanizado.

Assim, o espaço institucional se revela uma alternativa ao espaço mínimo e, portanto, há uma necessidade de que o equipamento seja capaz de oferecer generosas paisagens frente aos micro-espços de moradia precarizados, apartados da infraestrutura urbana.

Se a arquitetura escolar revela-se por estas reflexões como uma tentativa de construção simbólica na formação de uma sociedade cívica, pautada na urbanidade democrática, ela também deve garantir sua reserva e seu acesso universal como espaço coletivo e público.

As redes de mobilidade na metrópole paulista é ambigua e seletiva. Por um lado, possibilita ao indivíduo transitar e experienciar diferentes espaços, e por outro, cria obstáculos que limitam o desenvolvimento das comunidades, e das características identitárias que possibilitam vínculos sociais e atuação política. As dimensões da capital, que foge da compreensão da escala do corpo humano, cria uma inconsciência espacial dificultando os meios de ação em prol do corpo coletivo.

É nesta fragilidade produzida pela construção do território onde encontra-se uma cidade gravemente atingida pelos processos de especulação da terra, que provocam espraiamento ilógico, desindustrialização, formação de guetos e inúmeras barreiras socio-espaciais.

Este modelo desigual que gere o uso e a ocupação do solo, bem como os investimentos predatórios dos agentes imobiliários, contribuem para o aumento dos custos da urbanização; favorece camadas sociais de maior poder econômico; amplia os percursos diários a partir de uma dinâmica migracional dos trabalhadores de baixa renda para a periferia; e cria bairros resultantes de autoconstrução e de insuficiente infraestrutura urbana.

O corpo é submetido aos espaços mínimos de habitação, enquanto o espaço coletivo - a rua, a calçada, os equipamentos públicos - tornam-se uma ocorrência desarticulada em meio ao modelo rodoviarista, que por falta de planejamento e interesses escusos, não estabelece o gradiente entre as escalas macro e micro da metrópole.

Esquema ilustrativo das forças espaciais que atuam sobre o corpo sensível. Produção autoral.



**ESPAÇO
MÍNIMO**



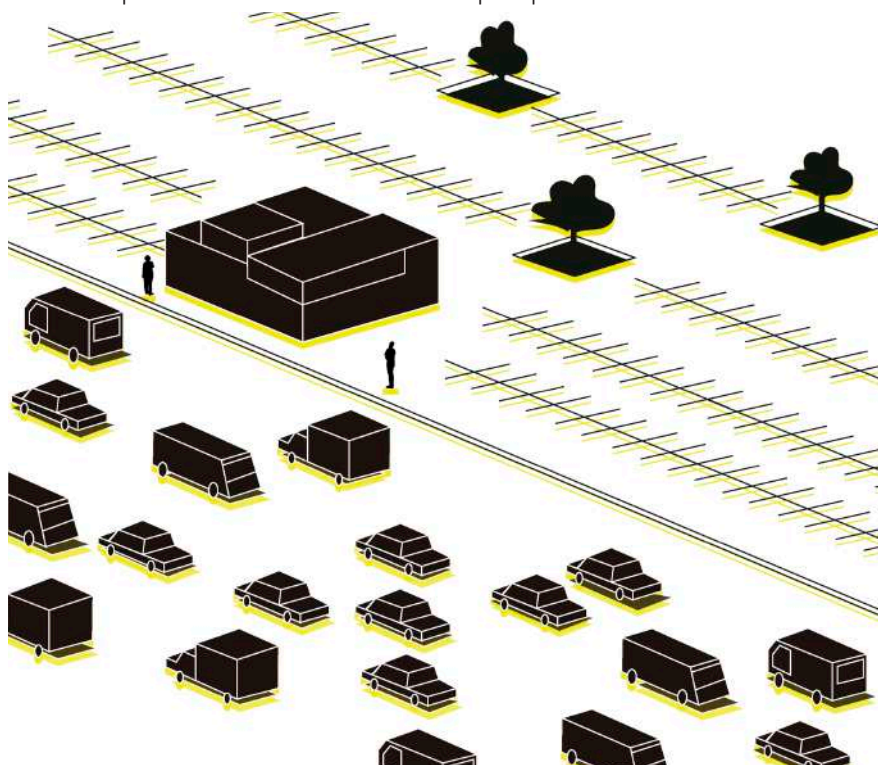
**ESPAÇO
DESARTICULADO**



**CORPO
FRAGILIZADO**

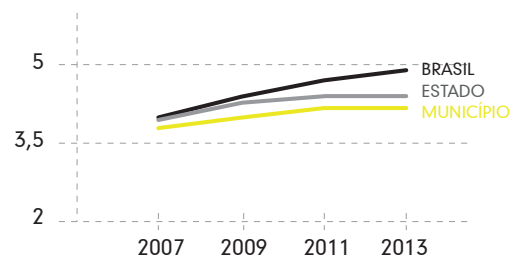


Deste modo, duas mensagens são direcionadas ao indivíduo marginalizado: que o seu corpo individual e o seu espaço privativo não cabem na cidade, provocando determinadas forças de compressão; e que o corpo coletivo, ao qual pertence, não é um espaço de construção mútua que permite unicidade, ampliando ainda mais as forças de rupturas. É nesta cidade dúbia que busca-se uma atuação capaz de reduzir as longas jornadas de locomoção, retirar o corpo dos espaços alienantes do trânsito, do vago, da moradia precária, do espaço e do tempo comprimidos. As informações gráficas a seguir justificam a escolha pelo local de atuação, e nos revela dados importantes sobre o território da capital paulista.



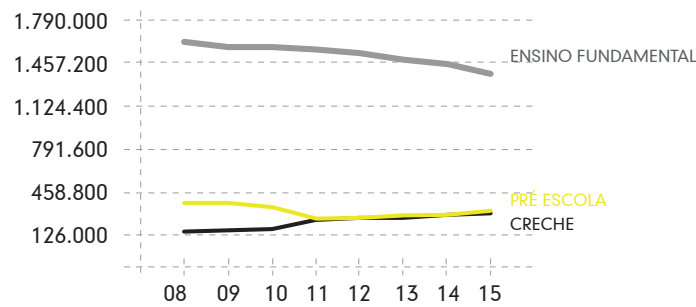
INFOGRÁFICOS CENSITÁRIOS

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA
fonte: INEP - censo 2007.2013



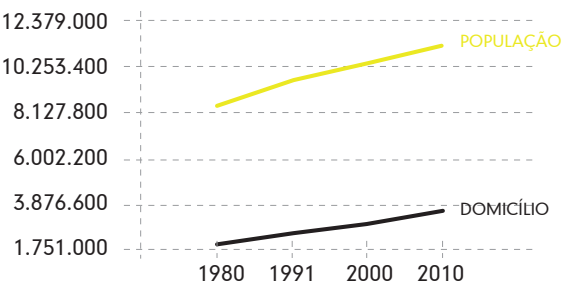
Estagnação no desenvolvimento da educação básica no estado e no município de São Paulo, comparados ao contexto nacional dos últimos anos.

NÚMERO DE MATRÍCULAS POR SÉRIE ESCOLAR - SP
fonte: INEP - censo 2008.2015



Decréscimo do número de matrículas no ensino fundamental e da pré-escola em um período de sete anos, acompanhado de um pequeno crescimento das matrículas nas creches municipais.

POPULAÇÃO RESIDENTE E DOMICÍLIOS - SP
fonte: IBGE - censo 1980.2010



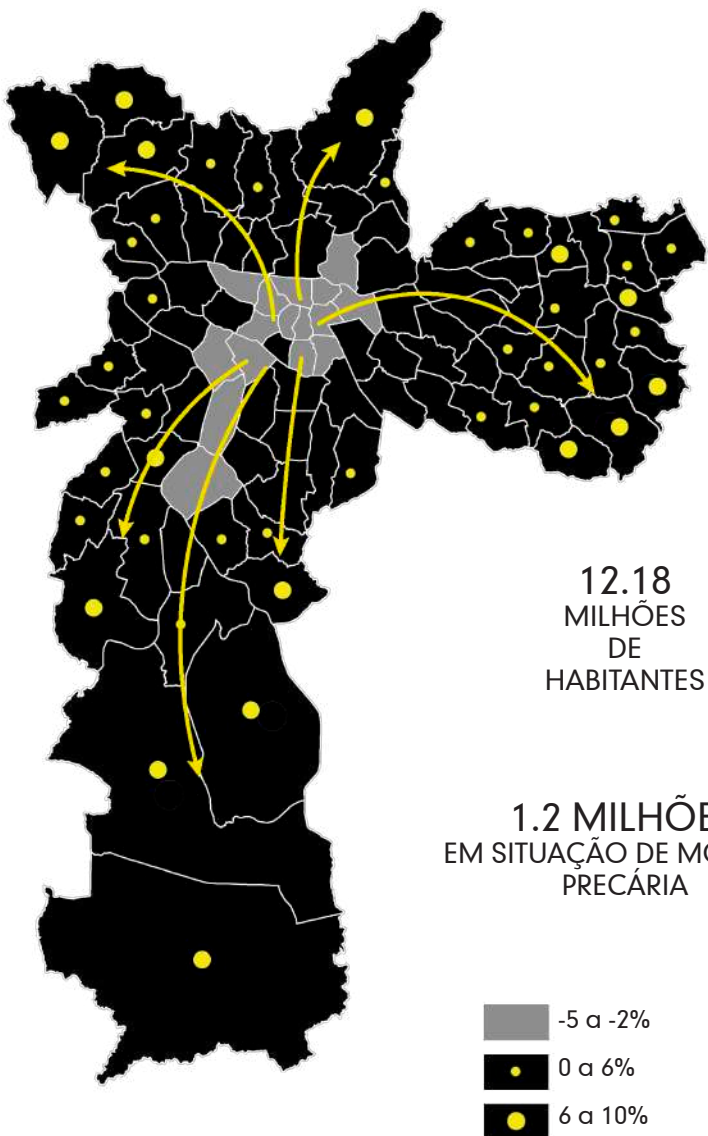
Déficit habitacional apresentado na medida em que a população aumenta desproporcionalmente em relação à oferta de domicílios.

TAXA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO

fonte: moradia central, produção autoral

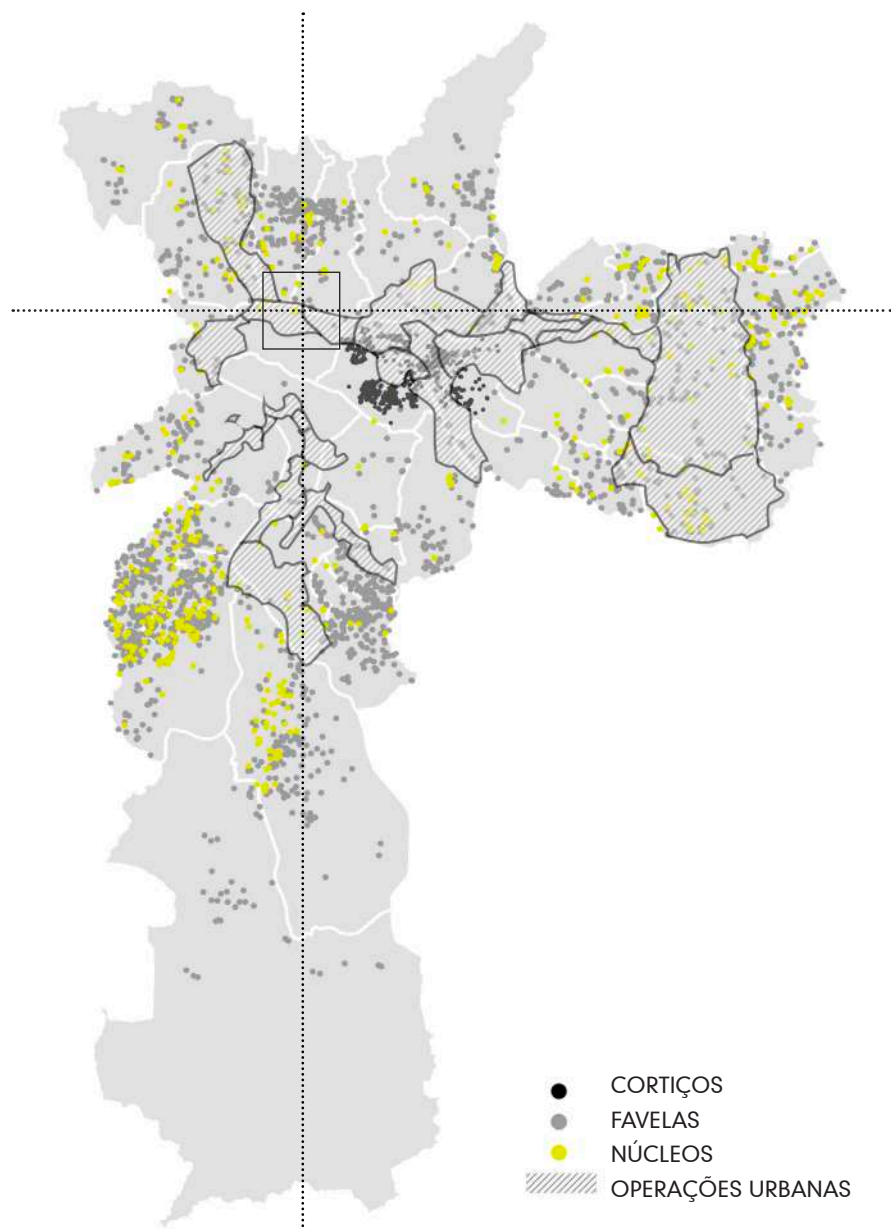
26

Mapa do município apontando um decréscimo populacional na região central de até 5% nos últimos anos, ao mesmo tempo em que as regiões periféricas têm um ganho demográfico. Ou seja, independentemente das conhecidas quedas nas taxas de fecundidade, há uma migração interna em curso, fruto dos desequilíbrios econômicos e sociais.



MAPA DA MORADIA INFORMAL

fonte: GeoSampa, produção autoral



O mapa da moradia informal à esquerda, nos possibilita localizar tanto as habitações irregulares como as operações urbanas em processo, cujo o impacto é certo para os indivíduos que vivem em situação de moradia precária e são continuamente expulsos, legitimados por esta ação municipal.

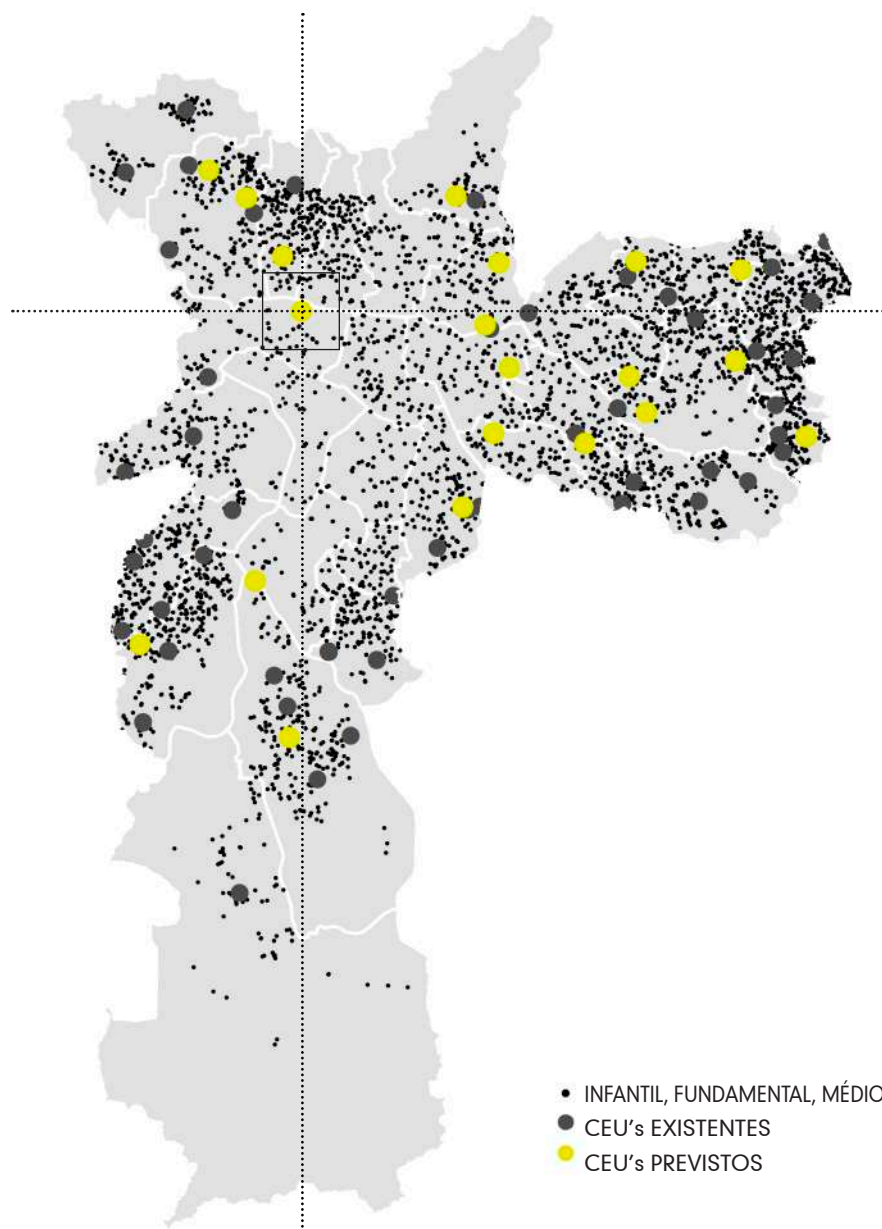
As Operações Urbanas são controversos projetos de requalificação urbana em São Paulo. A partir de um mecanismo de exceção, favorecem acordos com agentes imobiliários, intensificando a expulsão da população de baixa renda para áreas periféricas, e concentrando a renda nas mãos das classes mais abastadas.

MAPA DOS EQUIPAMENTOS DE EDUCAÇÃO PÚBLICA

fonte: GeoSampa, produção autoral

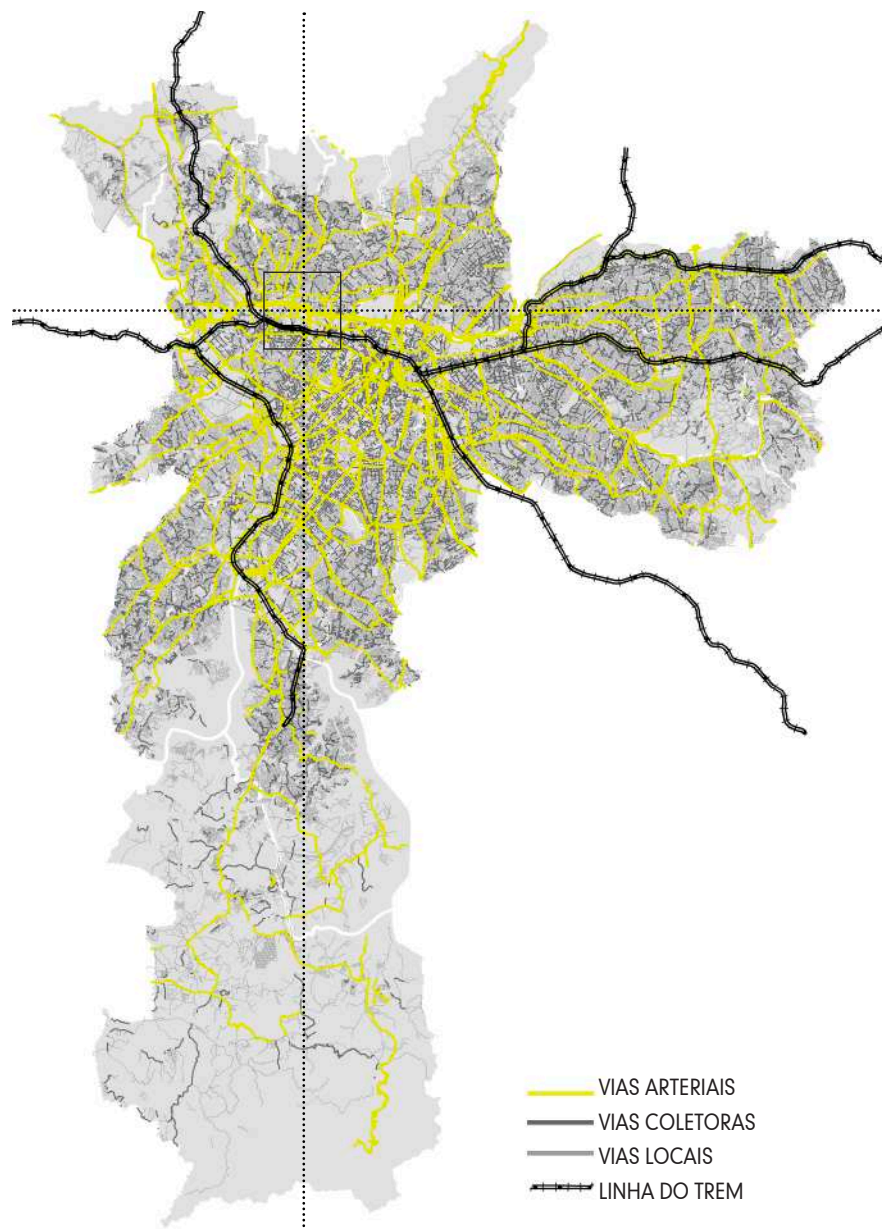
Para além de localizar a distribuição dos equipamentos de educação pública, vale-se de um olhar atento para o projeto de urbanização nas periferias paulistas que ocorrem através das escolas. Destacam-se aqui, os Centros de Educação Unificada, que vão além do objetivo de educar, mas fazem parte de uma política pública que consolida oportunidades e fortalece as ações comunitárias em regiões de fragilidade social. Uma nova geração de CEU's, proposta pela gestão do prefeito Fernando Haddad, apontou para construção de 20 novos equipamentos, com o objetivo de promover educação integral, com atividades de contra turno do ensino regular, bem como articular toda a rede de equipamentos com as outras iniciativas já existentes nas localidades. É interessante notar no mapa ao lado, que os novos centros deixam de ser uma exclusividade da periferia, e passam a ser um motor mais presente, abrangindo também outras áreas do município.

28



MAPA DA CLASSIFICAÇÃO VIÁRIA

fonte: GeoSampa, produção autoral



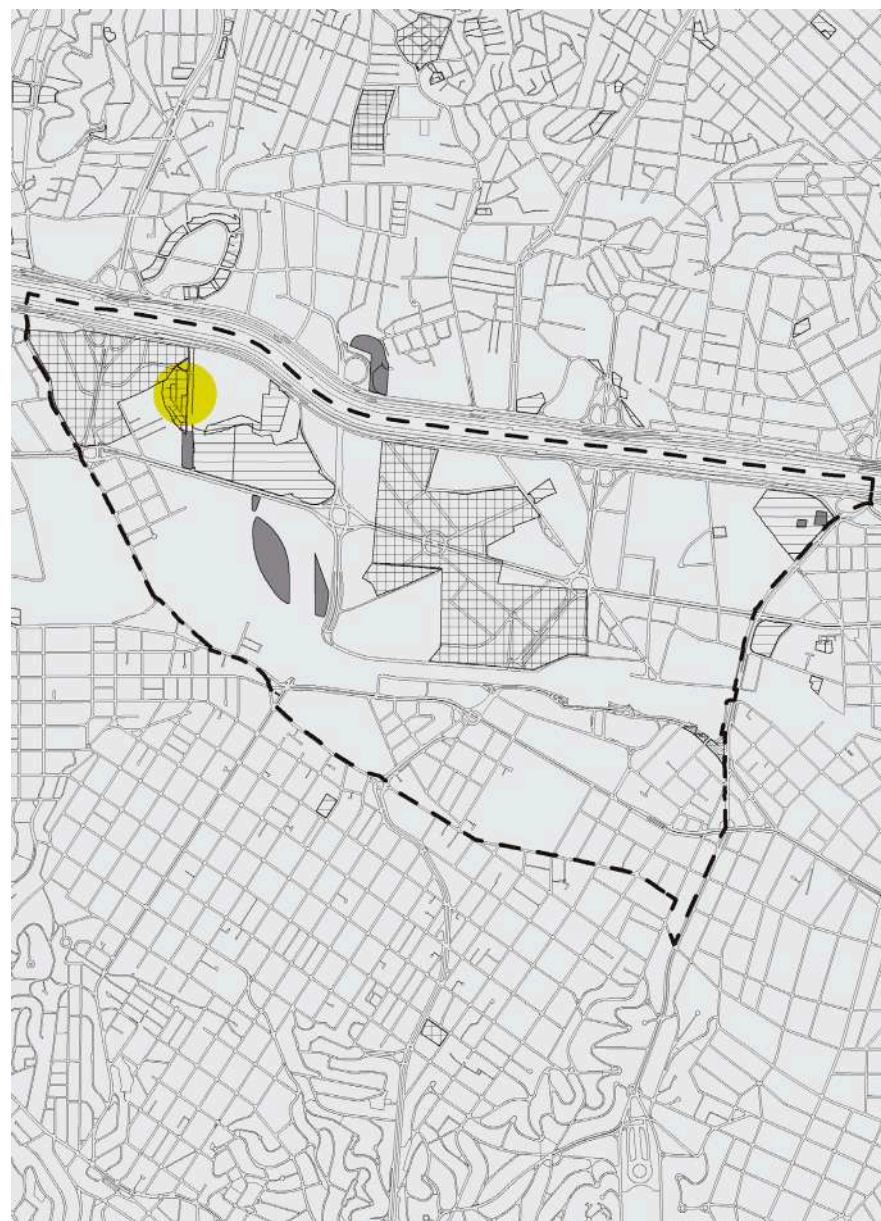
No mapa ao lado, onde estão conjuradas as linhas hierárquicas do sistema rodoviário e a linha férrea, busca-se demarcar os espaços de fragmentação e ruptura, principalmente nos focos onde as vias arteriais e os trilhos do trem se interpolam, reforçando as grandes estruturas mecânicas responsáveis pela expansão e aceleração produtiva da cidade. Ao passo que permite o desenvolvimento e as trocas por toda a metrópole, o sistema expresso é também o maior vilão do pedestre e daqueles que foram continuamente apartados da infraestrutura urbana, passando grande parte da sua jornada se deslocando pelo extenso território socialmente desigual.

SÃO PAULO - BARRA FUNDA |

Após a leitura dos mapas do município buscou-se o distrito de atuação para o exercício de proposição projetual, destacando-se a região da Barra Funda na convergência dos três pontos focais, anteriormente citados: local de moradia fragilizada, segregação social e territorial dados pelas barreiras físicas dos sistemas de transporte e necessidade de um equipamento de educação para a comunidade. A Barra Funda, em especial, foi afetada pelas diferentes escalas da crise urbana dada pelo processo global de reestruturação econômica ao longo das últimas décadas. Destaca-se o surgimento de grandes áreas ociosas ou subutilizadas, junto aos setores industriais que deslocaram suas cadeias produtivas para outras regiões após o retraimento de suas atividades, causando severas consequências econômicas, sociais e urbanísticas, tornando-se foco dos agentes da produção espacial. A operação urbana que incide sobre o setor, formou um movimento estratégico de modo a atrair investimento para essas áreas ociosas e movimentar a economia através de parcerias público-privadas. O interesse imobiliário na região tradicionalmente industrial é fruto da falta de terrenos disponíveis nas extensões mais valorizadas da cidade, bem como a localização favorável desses terrenos que encontram-se em eixos importantes, próximos às centralidades com grande oferta de infra-estrutura urbana. O discurso busca afirmar que os novos empreendimentos fazem parte do processo de revitalização das áreas ociosas, apoiando-se na potência da sustentabilidade e nos mecanismos de segurança, mascarando o movimento de expulsão que provocam novas fragmentações territoriais e lugares de desigualdades em direção às periferias. Os agentes hegemônicos da produção do espaço (estado e empreendedores imobiliários privados) promovem assim a segregação da vida urbana, desconsiderando a população local e a importância do equilíbrio de diferentes camadas sociais nesta área tão central, elegendo em última instância um plano que viabilize a habitação de interesse social e outros serviços comunitários.

CADASTRO DAS ÁREAS PÚBLICAS

fonte: GeoSampa, produção autoral



Do ponto de vista espacial, a paisagem se traduz no loteamento das grandes glebas que compunham os antigos complexos industriais e pátios ferroviários, abraçando um novo ritmo demarcado por condomínios fechados, parques privados e ilhas de privilégios, mudando os fluxos numa transformação veloz e amnésica que afetam as referências espaciais, os laços e as escalas de sociabilidade, doravante baseadas no alto-consumo e no deslocamento automotivo.

- loteamentos
- áreas municipais cedidas
- áreas públicas/espacos verdes
- núcleo de habitação irregular

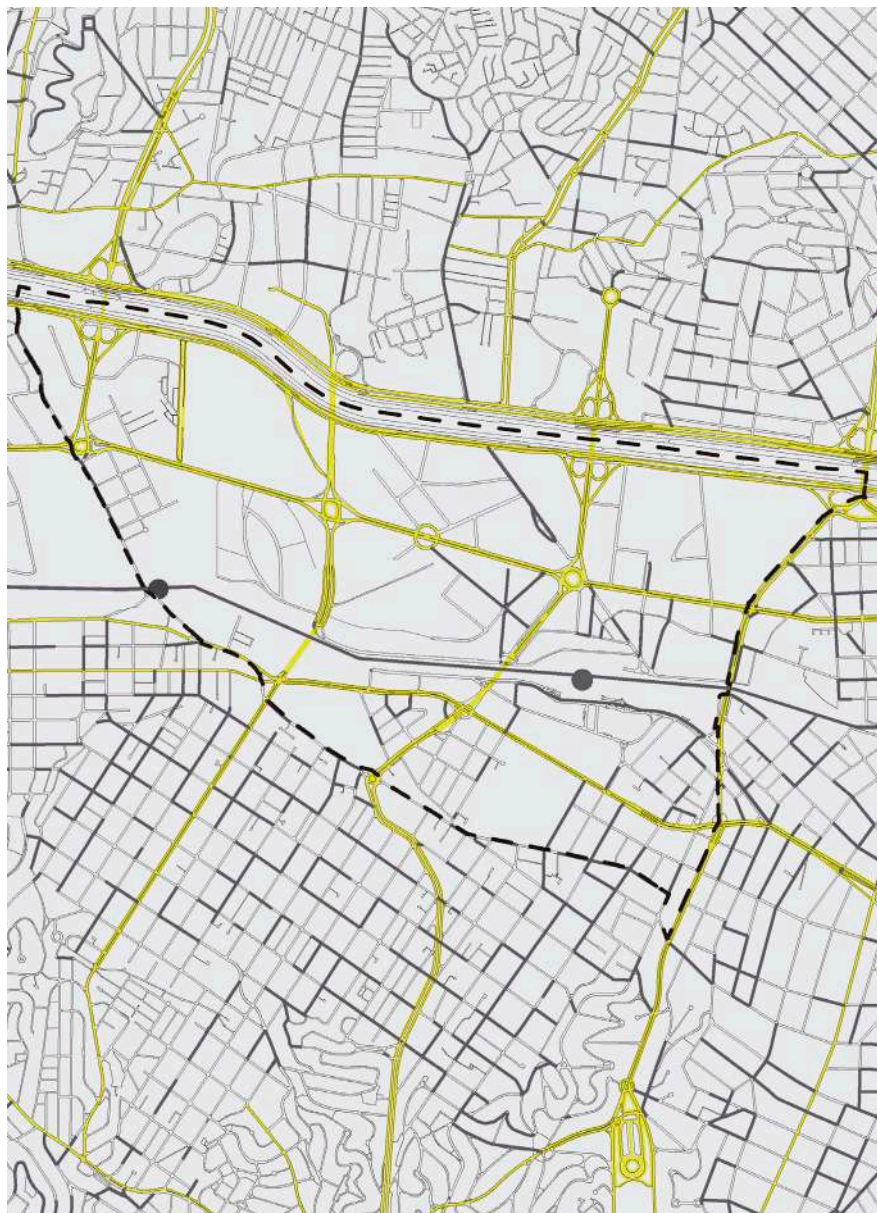
CLASSIFICAÇÃO VIÁRIA

fonte: GeoSampa, produção autoral

Ao aproximar em direção ao setor, fica evidente no mapa da classificação viária, o problema de desequilíbrio das escalas encontrado na área, com a falta de vias mediadoras. Enquanto os distritos vizinhos possuem uma rede de vias locais e coletoras - independentemente da morfologia aplicada - aqui na Barra Funda, para esta escala de proximidade o vazio predomina, enquanto as grandes artérias rodoviárias como a avenida Castelo Branco, a Marginal Tietê e avenida Marquês de São Vicente avançam sobre o território, criando imensas barreiras espaciais e ao corpo.

32

- estação de trem
- vias locais
- vias coletoras
- vias arteriais



BARRA FUNDA - ÁGUA BRANCA |

É neste cenário e na conjunção dessas reflexões que encontra-se o território da Água Branca, e mais precisamente a escolha do terreno para a implantação do projeto educacional.

O território, que está sujeito aos processos de desindustrialização, gerou imensos galpões e terras desocupadas em uma área limitada pelo rio Tietê e outros limites físicos como a já mencionada rodovia Castelo Branco e a linha ferroviária. Assim, o bairro tornou-se um espaço desarticulado nas relações entre o corpo e a metrópole, ampliando seus contrastes a partir da incidência da operação urbana consorciada.

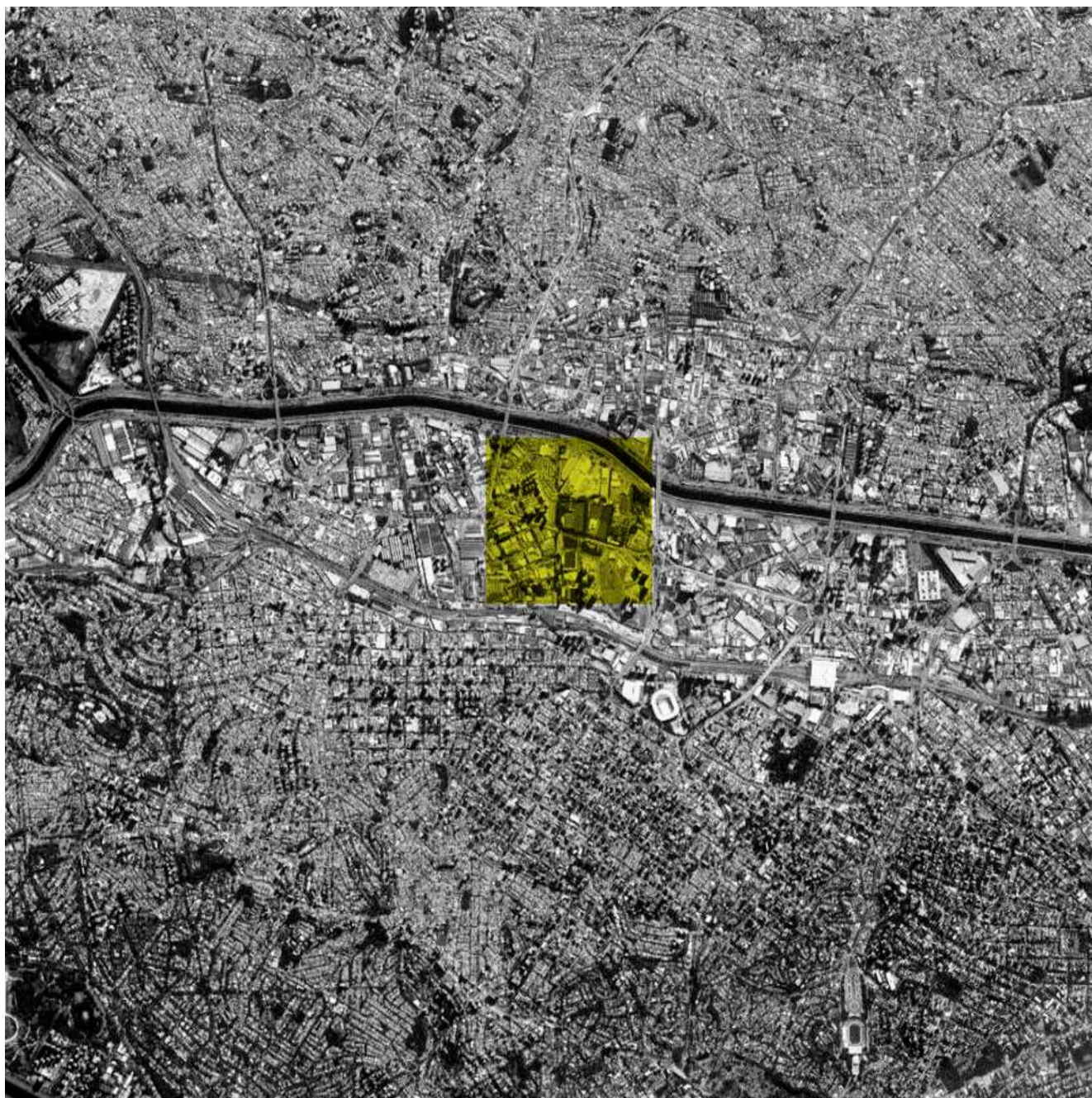
Situada relativamente próxima ao centro e muito disputada entre diversos atores da sociedade, a área tem sofrido com uma anti-urbanidade. A carência habitacional voltada à população de baixa renda nas áreas centrais, produziu um núcleo de moradia irregular (Favela do Sapo) nas margens do córrego Água Branca, comprometendo a população e o ambiente numa situação de precariedade espacial e sanitária.

Os projetos estratégicos desencadeados pelo consórcio reafirmam a exclusão sócio-espacial na medida em que estabelecem os pastiches construtivos desejados pelas classes dominantes, reproduzindo imensos muros, corredores de tráfego e condomínios privados cujos nomes retomam as áreas nobres da cidade, como o novo “parque das perdizes”, reforçando ainda mais uma alienação completa do espaço onde se situa.

Quanto à contrapartida exigida pelo Estado no financiamento das melhorias urbanísticas de interesse coletivo, tem-se a promoção de um espaço verde estabelecido em área monitorada entre os conjuntos privados de habitação, e portanto, as qualidades acabam sendo usufruídas apenas pelos investidores. Sendo assim, a partir de uma iniciativa menos ambiciosa de renovação, e voltada aos interesses públicos desta localidade, busca-se alinhar o projeto do centro educacional ao desenvolvimento mais justo e qualitativo em seus aspec-

tos urbanísticos, olhando para as questões de preservação e conscientização ambiental, bem como para o desenvolvimento de moradia de interesse social, absolutamente pertinente ao espaço, e que reverbera na crise urbana metropolitana a partir de sua centralidade estratégica.







O PODER DA ESPERANÇA

Sumário

SEGREDO BOM-ESTAR EMOCIONAL

REFERÊNCIAS

POLÍTICAS MUNICIPAIS VOLTADAS À EDUCAÇÃO |

Na busca por um projeto educacional que seja capaz de repensar e construir a cidade, colocam-se as seguintes questões: como a arquitetura poderia contribuir para a autonomia do indivíduo na projeção dos seus espaços, assim como as novas visões pedagógicas têm permitido? E como as políticas públicas tem atuado para a consolidação deste modelo?

Em São Paulo, os arquitetos Alexandre Delijaicov, André Takiya e Wanderley Ariza formularam o projeto básico dos Centros Educacionais Unificados (CEU's) a partir do conceito pedagógico das escolas-parque, idealizado pelo educador Anísio Teixeira, na década de 1950. Esses centros foram implementados até então como propulsores na urbanização das áreas periféricas mais carentes, com o objetivo de reverter o quadro de desigualdade social.

O projeto arquitetônico padrão, concebido a partir de elementos pré-moldados, é formado por um bloco educacional para ensino infantil e fundamental; outro para atividades esportivas e culturais; e um terceiro volume circular que abriga a creche - assim como os destacados na imagem ao lado.

A edificação modular se adapta às suas localidades, sempre seguindo a padronização determinada e a preocupação em atender a escala do pedestre, de modo que o edifício se abra para a paisagem.

Portanto, é neste modelo de política pública, distante do perfil dogmático, onde o controle, o estado de vigilância e a disciplina são parâmetros da concepção escolar, que busco uma arquitetura que assuma uma nova postura mais flexível, dinâmica, coletiva, que permita novos arranjos e outra visão dos espaços. Para Lima, "as escolas deixam de ser o lugar-prisão e tendem a ser, crescentemente, um lugar de socialização, até perder a exclusividade como equipamento destinado à educação das crianças e se transformar no local de encontro da comunidade." (LIMA, 1995, p.142) ^[8].

[8] LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. Arquitetura e Educação. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

"Porque não considerar em cada bairro, a escola, o grupo escolar, como fonte de energia educacional, como ponto de reunião social, como sede das sociedades de "amigos de bairro", como ponto focal de convergência dos interesses que mais de perto dizem com a vida laboriosa das suas populações?"
(DUARTE, 1951, p.5)^[9]

[9] DUARTE, Hélio. O problema escolar e a arquitetura. Habitat, n. 4, São Paulo, jul. 1951.



Imagem do CEU Jambeiro, no bairro Guaianases, São Paulo, inaugurado em 2003. fonte: prefeitura, editada pela autora.

UM CENTRO UNIFICADO |

[10] O CEU Pimentas, é um projeto de 16.000 m², em concreto e metal, construído entre os anos de 2008 e 2010 pelos arquitetos Biselli e Katchborian, na cidade de Guarulhos, SP.

40

Levando em conta a fragilidade dos projetos padronizados, cuja composição plástica pode tornar-se empobrecida, resultando em ambientes frios e assépticos, incapazes de estimular os sentidos, o CEU Pimentas^[10] localizado na região metropolitana, aparece como uma alternativa e referência projetual, unindo o programa funcional à uma estratégia urbana e também pedagógica.

Assim, o projeto traz a rua para dentro da composição, mediando as escalas espaciais do todo com as suas partes. De mesmo modo, se desfaz do caráter de enclausuramento autoritário muito frequente nas edificações escolares, que se utilizam da justificativa de preservação ante os perigos urbanos e a depreciação arquitetônica.

A rua interna, à imagem do espaço urbano frequentado por todos, retoma o seu caráter de convergência social ao invés de situá-la como um problema relacionado à violência.

A construção tira partido da ampla cobertura metálica, estreita e comprida, protegendo toda a circulação, enquanto se distribuem nas bordas os equipamentos culturais e as áreas esportivas.

O corredor central é a praça que articula os usos ao seu redor. Os percursos das rampas direcionam os fluxos do pavimento térreo ao primeiro pavimento edificado, sendo as escadas uma estrutura secundária à circulação.



CEU Pimentas.
Fotografia Nelson Kon,
editada pela autora.

[11] A Favela do Sapé é localizada na R. Célso Lagar, Jardim Ester Yolanda, em São Paulo - SP. O projeto de reurbanização ocorreu no ano de 2014 através da Secretaria da Habitação Municipal. São autores do projeto: Catherine Otondo (Base Urbana), Marina Grinover (Base Urbana) e Jorge Pessoa (Pessoa Arquitetos).

CÓRREGOS URBANOS |

Como referência para atuar no território, tendo em vista a situação do córrego Água Branca que acompanha o núcleo habitacional, a reurbanização da Favela do Sapé^[11], torna-se uma importante guia.

Ocorrida no Bairro do Rio Pequeno (também em São Paulo), os arquitetos da Base Urbana e Pessoa Arquitetos, propõem a costura do córrego desenhando suas margens e melhorando as condições físicas para os habitantes do local. O projeto propõe novas vias de mobilidade, novas habitações, qualidade ambiental e áreas de lazer, possibilitando criar uma outra identidade ao local e construindo valores que corroboram para a sensação de pertencimento do indivíduo na cidade.

O sistema de drenagem do Córrego do Sapé é baseado numa estratégia que aproxima visualmente o nível de água do passeio pavimentado, sendo o caminho todo alargado e rearborizado. As ruas marginais são compartilhadas entre pedestres e automóveis, que circulam controlados a partir dos elementos dados pelo pavimento intertravado e a guia rebaixada. Ao longo do caminho verde, diferentes usos relacionados ao lazer e aos comércios já existentes garantem a articulação socio-espacial, promovendo renda e movimentando a região. Deste modo, a integração física dá maior sensação de segurança aos habitantes e busca reverter os quadros de precariedade.



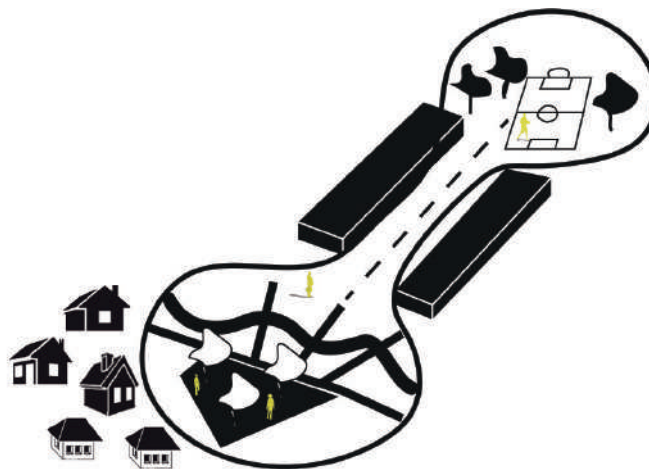
Favela do Sapé.
Fotografia Pedro Vannucchi,
editada pela autora.





4.

AÇÕES PROJETUAIS



46

DIRETRIZES |

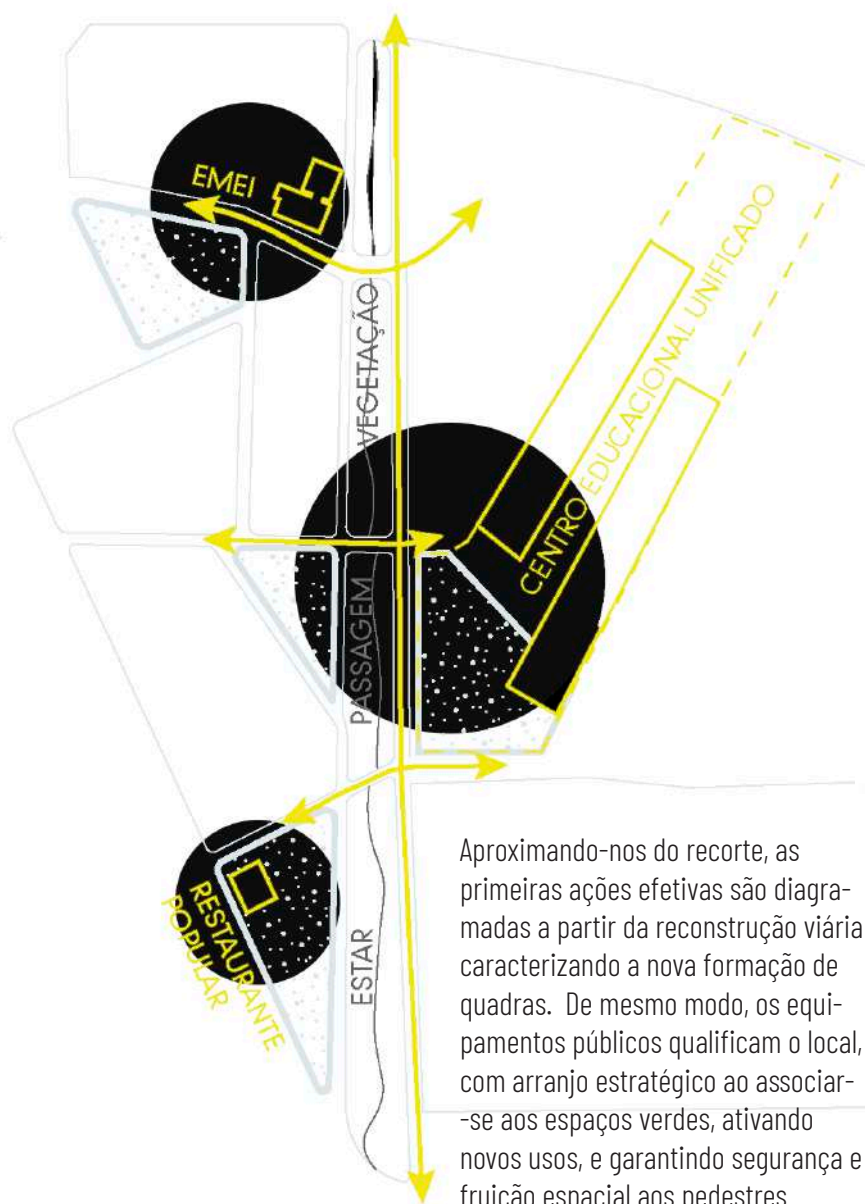
As alternativas que começam a se desenhar a seguir constroem um projeto vinculado ao estudo acadêmico, proporcionando um debate que leva em conta a potência dos espaços educacionais formativos ao mesmo tempo que nos alerta sobre as potências do corpo para a produção de um território mais igualitário. A área escolhida para desenvolver o Centro de Educação Unificada no território da Água Branca, busca aproximar a escala do corpo da grande escala da metrópole, considerando seus espaços de desarticulação urbana e de moradia mínima precária.

O projeto pretende portanto promover um plano de setorização urbanística que contém melhorias nos sistemas de circulação e mobilidade, de áreas verdes, de equipamentos e de adensamento populacional.

Em seguida concentra-se na elaboração do CEU como articulador principal na aproximação do indivíduo com a cidade, afirmando-o como equipamento público disparador de mudanças sociais, associado ao seu potencial arquitetônico como mecanismo de reconstrução do valor da cidadania.

DIAGRAMA CONCEITUAL

FLUXOS ASSOCIATIVOS: ÁREAS VERDES + EQUIPAMENTOS PÚBLICOS



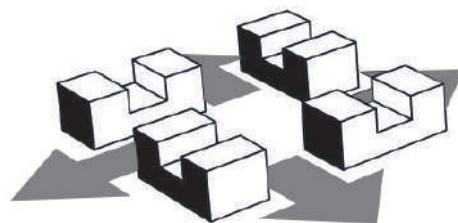
Aproximando-nos do recorte, as primeiras ações efetivas são diagramadas a partir da reconstrução viária caracterizando a nova formação de quadras. De mesmo modo, os equipamentos públicos qualificam o local, com arranjo estratégico ao associar-se aos espaços verdes, ativando novos usos, e garantindo segurança e fruição espacial aos pedestres

TIPOLOGIAS HABITACIONAIS

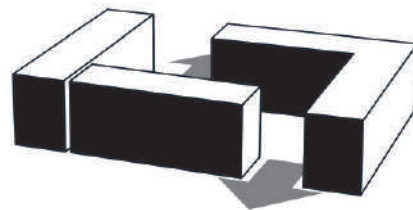
PERMEABILIDADE E TRANSIÇÃO

As volumetrias propostas para a implantação de novas unidades de moradia de interesse social seguem como diretriz principal a adequação ao gabarito já existente no entorno imediato, bem como uma proposta de espaços de transição entre as áreas privativas e as áreas públicas. Assim, os espaços coletivos gerados são capazes de promover relações entre os moradores de cada região, estabelecendo um gradiente de abertura para as novas relações sociais e espaciais.

47



TIPO 1: 60 UNIDADES
COMPOSIÇÃO ENTRE 40 CASAS DE DOIS PAVIMENTOS DE 75m² CADA, E 20 KITNETS DE 37,5m².



TIPO 2: 136 UNIDADES
COMPOSIÇÃO DE EDIFÍCIOS DE ATÉ QUATRO PAVIMENTOS, COM APARTAMENTOS DE 67m².

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO

NOVAS HABITAÇÕES, EQUIPAMENTOS E ÁREAS PÚBLICAS

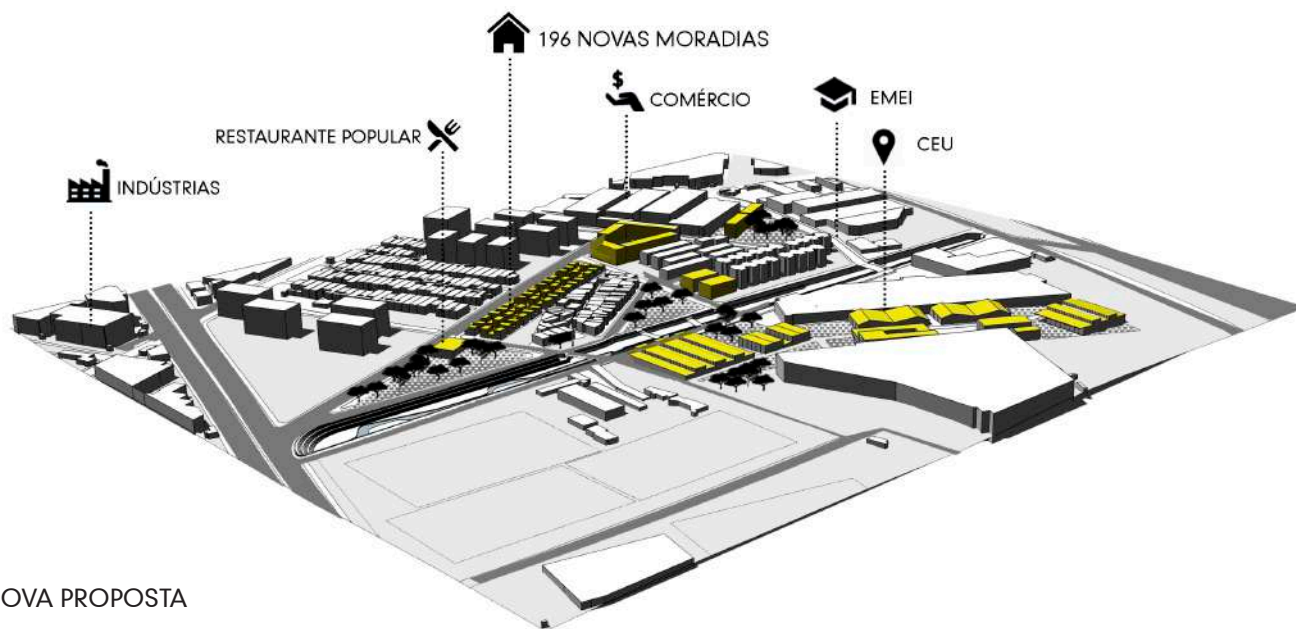
AÇÕES:

- [1] Remoção dos domicílios em situação de risco na franja adjacente ao córrego;
- [2] Realocação das famílias na própria área;
- [3] Novas unidades habitacionais de interesse social;
- [4] Melhorar as vielas das casas remanescentes, ligando-as às passagens públicas;
- [5] Permeabilidade entre as áreas públicas, coletivas e privadas;
- [6] Implantação de novas áreas permeáveis;
- [7] Associação dos parques públicos aos equipamentos propostos/já existentes;
- [8] Reconstrução viária e rearborização na espinha no córrego;
- [9] Construção de pontes na transposição do córrego no sentido transversal;
- [10] Integração do CEU com a infraestrutura urbana.

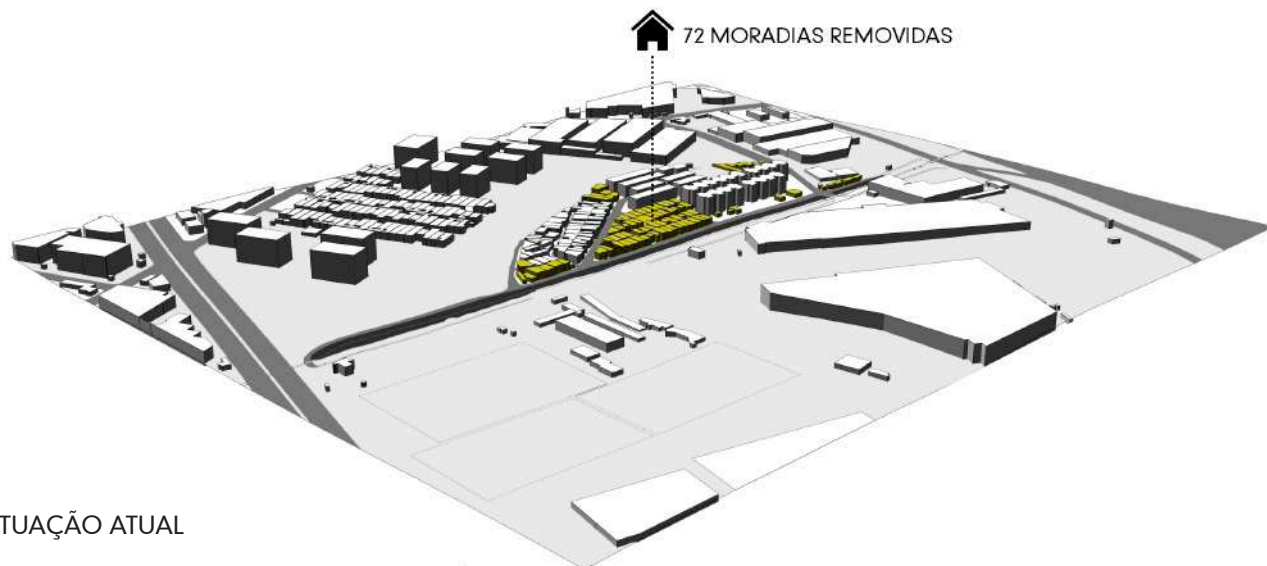


VISTA ISOMÉTRICA DA ÁREA

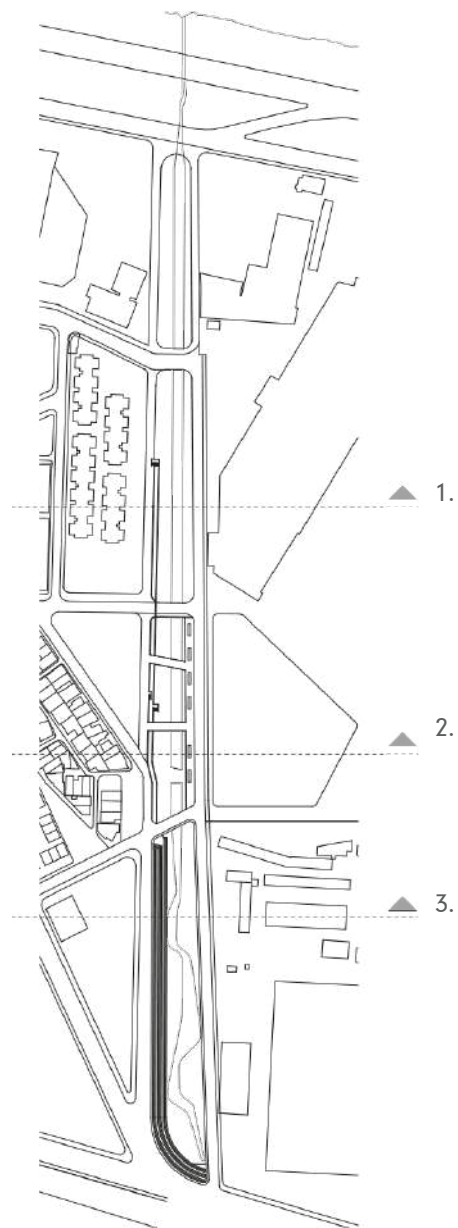
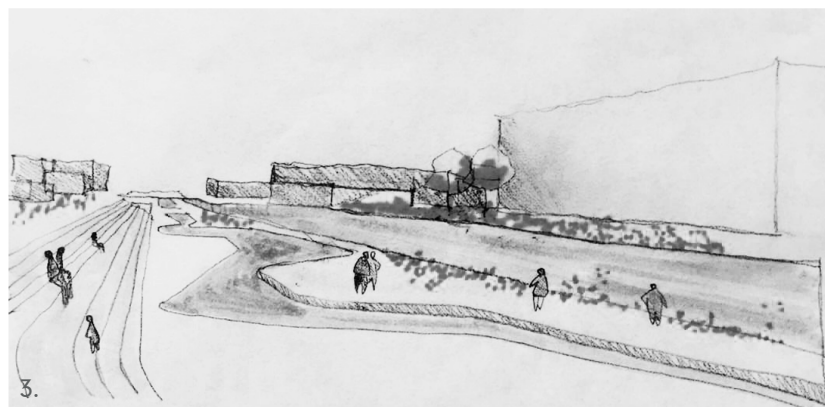
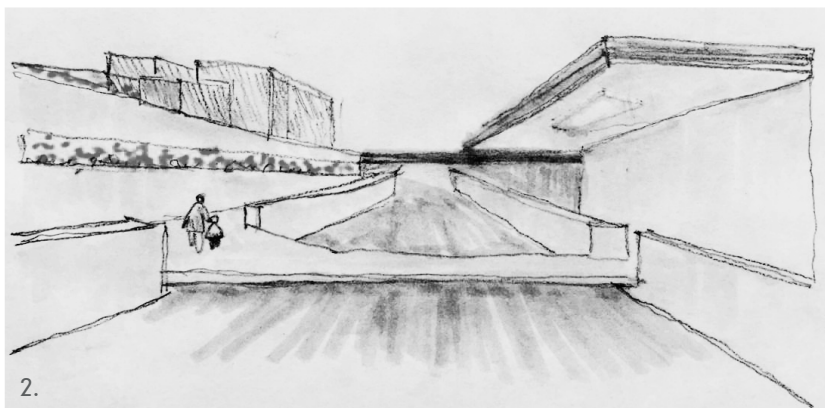
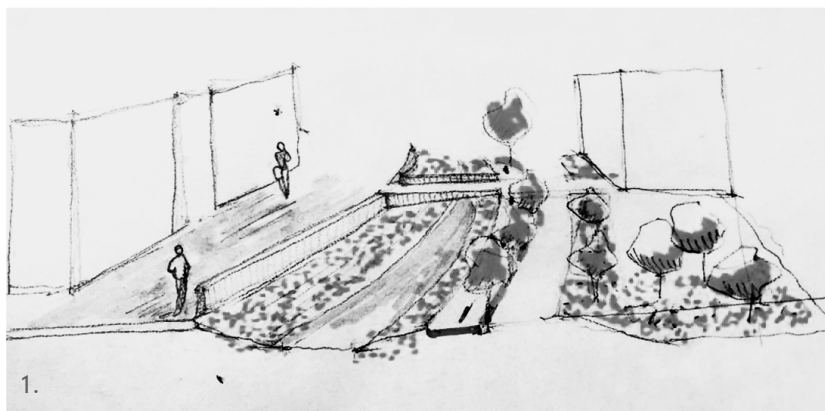
ANTES E DEPOIS



NOVA PROPOSTA



SITUAÇÃO ATUAL



AMBIÊNCIAS PROPOSTAS A PARTIR DAS CARACTERÍSTICAS DADAS PELO ENTORNO

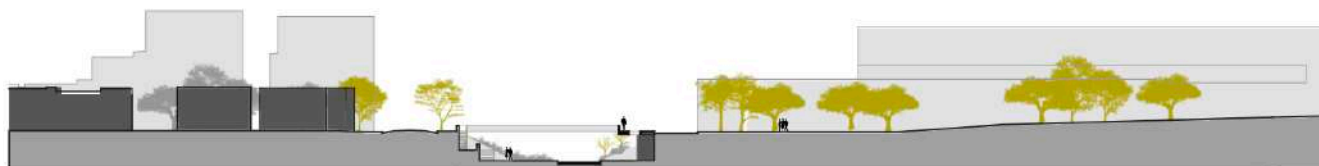
CÓRREGO ÁGUA BRANCA

CORTES ESQUEMÁTICOS



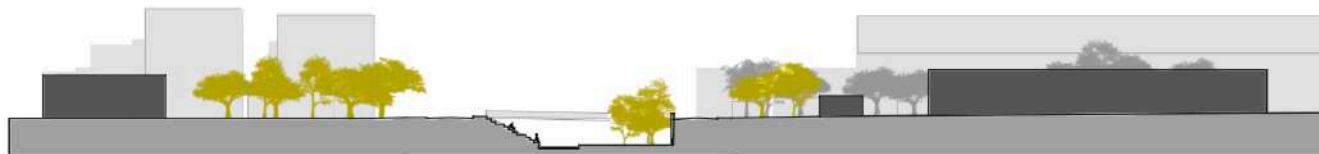
1. VEGETAÇÃO

ESPAÇOS DE VEGETAÇÃO CILIAR NA PORÇÃO ONDE O CÓRREGO SE APROXIMA DO RIO TIETÊ, ONDE AS MARGENS ENCONTRAM-SE MAIS ESTREITAS E A DECLIVIDADE DO TERRENO É MAIS ACENTUADA.



2. PASSAGENS

EXPLORAÇÃO DE DIFERENTES NÍVEIS DE TRANSIÇÃO NO TRECHO QUE LIGA A ÁREA DE HABITAÇÃO AOS PARQUES PÚBLICOS, INTEGRANDO-OS AO CÓRREGO E APONTANDO O FLUXO ATÉ O CENTRO DE EDUCAÇÃO.



3. LAZER

ESPAÇO DE ESTAR E NOVAS DINÂMICAS PROPORCIONADAS PELA MARGEM QUE SE ABRE GRADATIVAMENTE NESTE SETOR, GERANDO UMA AMPLA ARQUIBANCADA PRÓXIMA A INTERFACE DE MAIOR CIRCULAÇÃO, E PORTANTO DE MAIOR VISIBILIDADE.

CONCEPÇÃO DO CEU |

O projeto foi delineado como um aglomerado de edifícios que se expandem aos poucos e constroem a continuidade do tecido urbano recriado. A fragmentação, em detrimento da união dos blocos, produz em sua concepção, espaços de caráter urbano como ruas, praças e pátios em diferentes escalas.

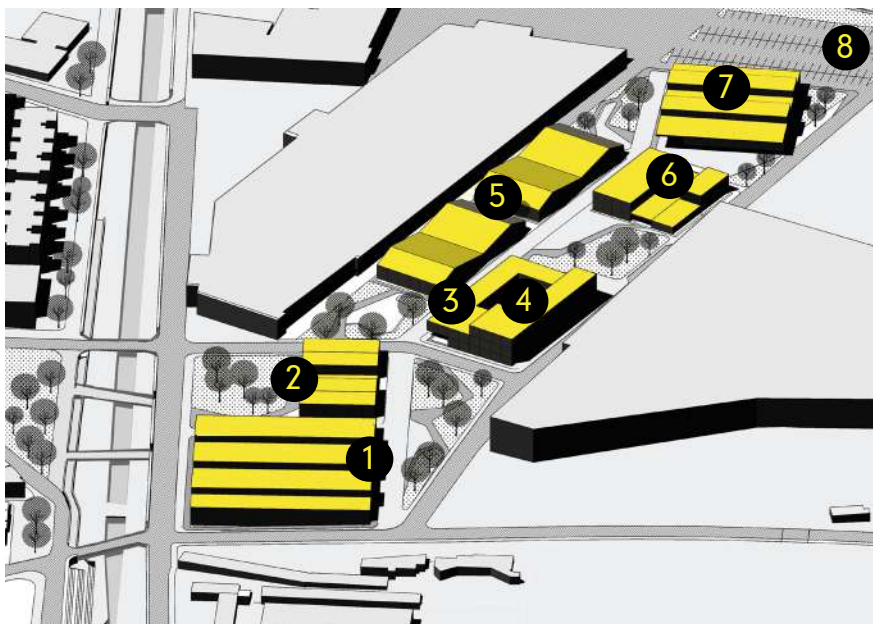
Deste modo, o CEU torna-se a própria cidade, fazendo um convite à elaboração de atividades espontâneas, caracterizadas pelo encontro de diversos sujeitos que convergem no local ao realizar os diferentes usos promovidos no planejamento de cada edifício.

O programa é composto por um Centro Esportivo, uma Biblioteca, uma EMEF que acolhe também em sua edificação o setor administrativo do CEU, um Ateliê de criação - voltado ao Ensino Infantil, um Estúdio de Práticas Corporais e um Auditório. Todos os ambientes se caracterizam como espaços de aprendizagem e encontro, abrindo possibilidades para uso contínuo mesmo em horários discordantes da programação institucional, quando praticável.

Os grandes passeios funcionam como um rizoma que alimenta as áreas de convívio, organizando e distribuindo o funcionamento do sítio, oferecendo segurança aos pedestres e enfatizando o caráter simbólico da rua como o espaço de todos.

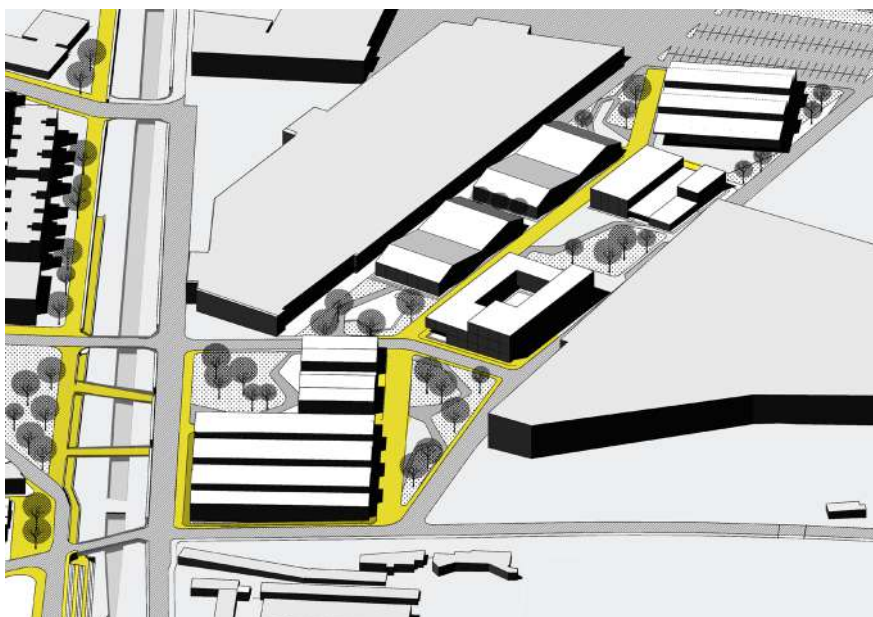
PROGRAMA

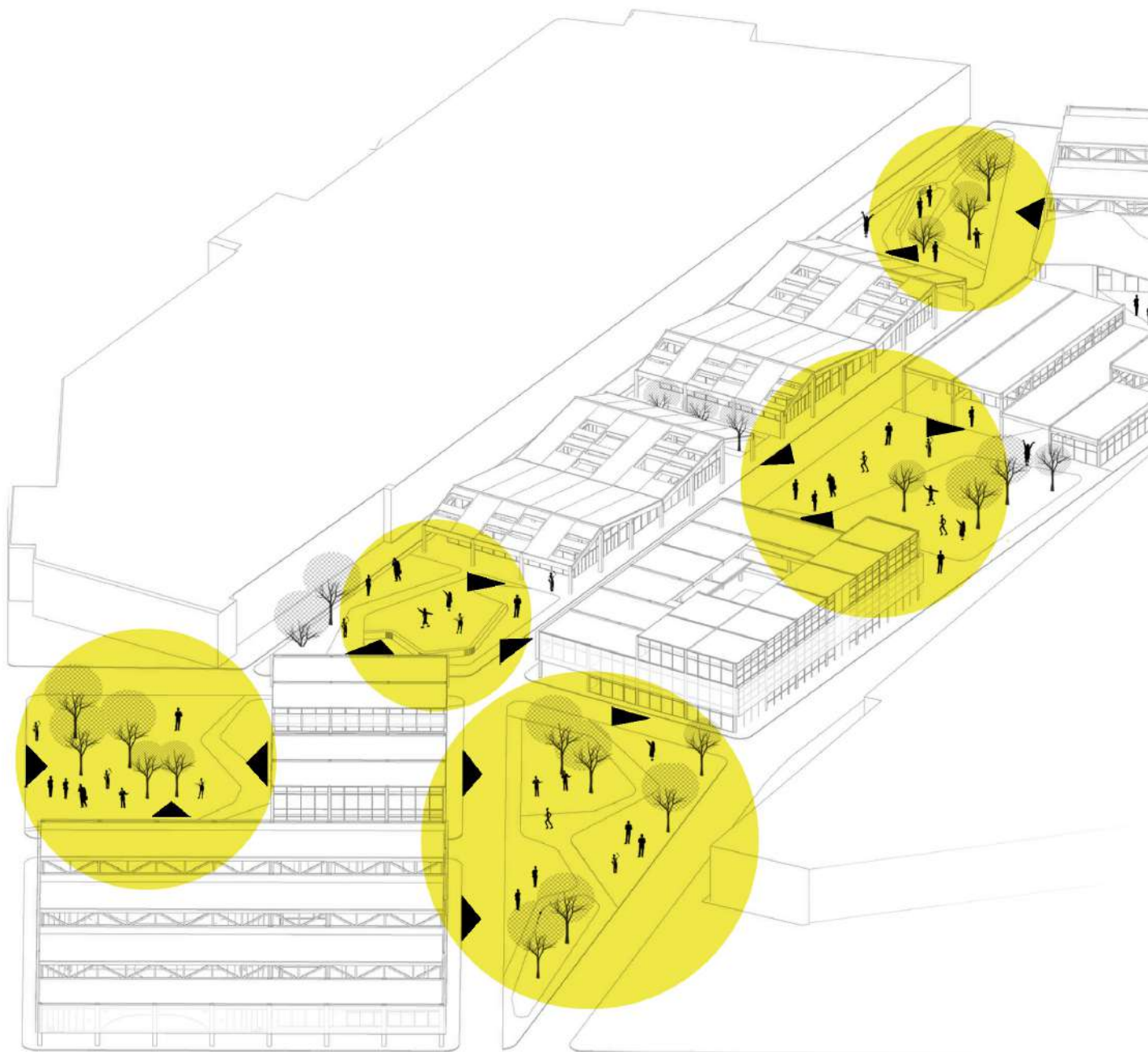
1. CENTRO ESPORTIVO
2. BIBLIOTECA
3. EMEF
4. ADMINISTRAÇÃO
5. ATELIÊS DE INFÂNCIA
6. ESTÚDIO DE PRÁTICAS CORPORAIS
7. AUDITÓRIO
8. ESTACIONAMENTO

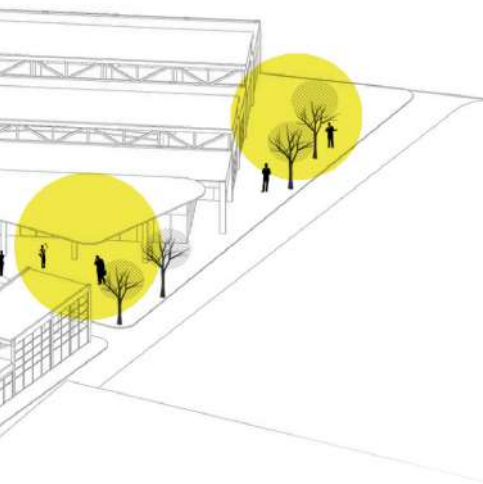


PASSEIO PÚBLICO

O calçadão aqui destacado instala uma zona pedonal protegida que conecta os fluxos do bairro aos equipamentos públicos, constituindo a integração do CEU com a infraestrutura urbana. Deste modo, dilui a barreira propriamente definida pelo córrego, mas qualificando-o como parte concordante.







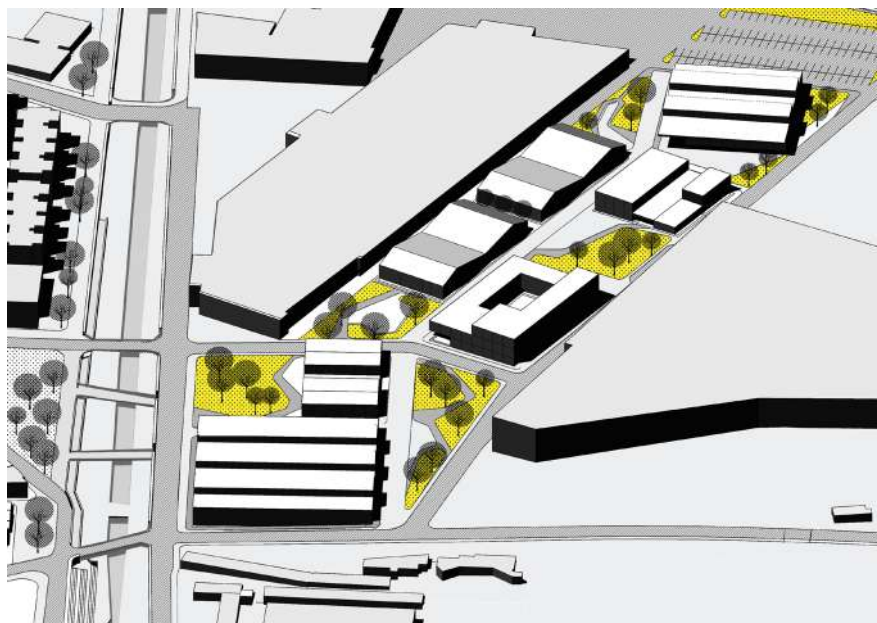
RELAÇÃO INTERPESSOAL E INTERESPACIAL

Os espaços de convivência externos buscam criar ambientes diferentes para diferentes tipos de aprendizagem, abrindo possibilidades nas relações interpessoais que estão atreladas à própria forma do desenho urbano e do programa determinado pelas edificações. Como um jogo de escalas, ativa diferentes características que ora tendem mais para o isolamento, ora à extroversão, buscando combinar multicapacidades espaciais e ativar os processos de escolha no indivíduo. A estrutura escolhida em madeira laminada colada (MLC), lançada em malhas ortogonais de 8x8m, atende a uma ideia de organizar o conjunto a partir de um módulo construtivo e um sistema linear com treliças planas, podendo vencer os grandes vãos necessários das áreas esportivas e auditório, mantendo ainda uma característica tátil e visual mais receptiva, principalmente pensando nos usuários dos edifícios escolares.

55

CAMINHOS

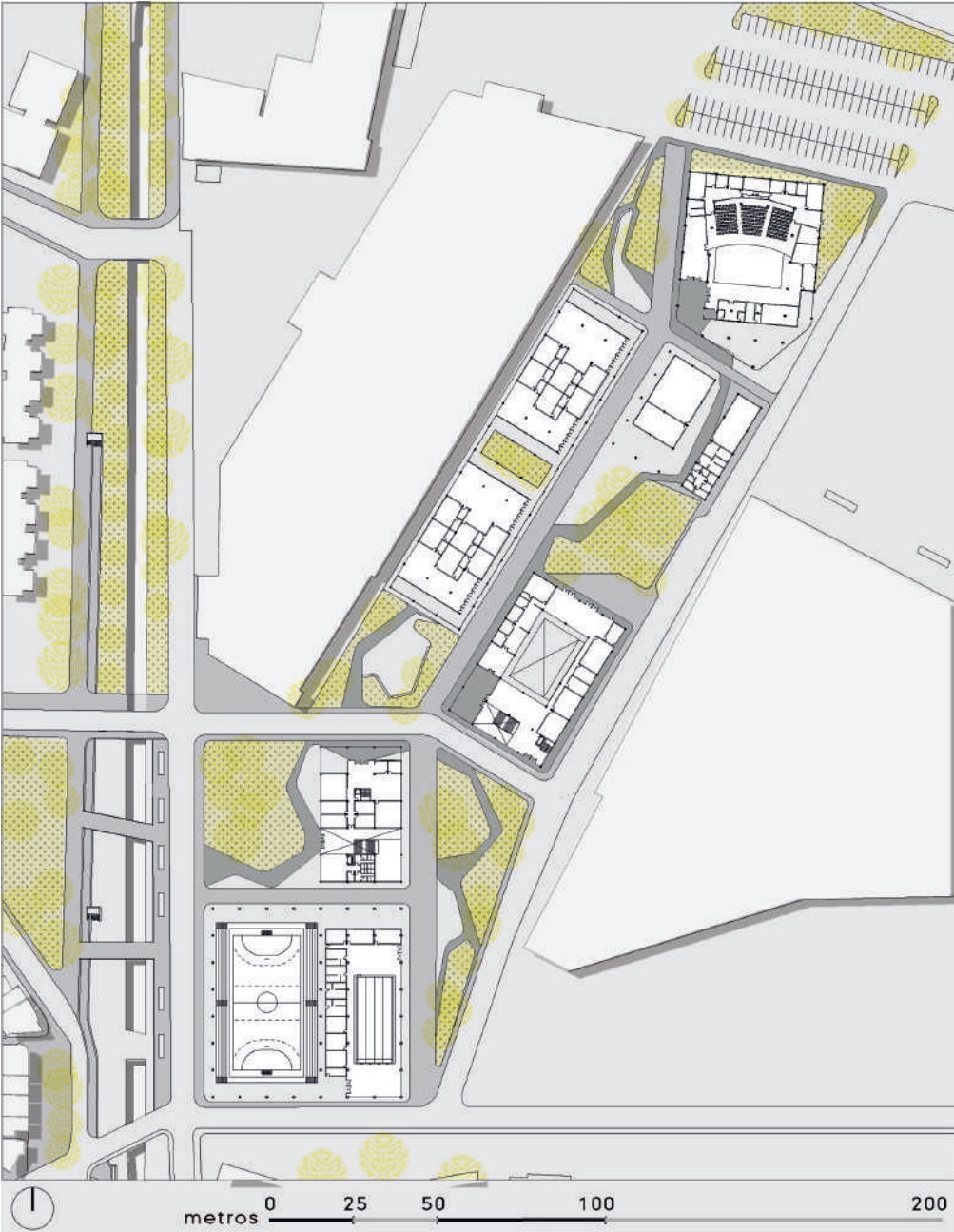
Outros percursos secundários desenham as áreas verdes, possibilitando novas descobertas espaciais, setorizando as praças, definindo espaços de estar e lazer, para além de conduzir fluxos diretamente aos acessos dos edifícios.



IMPLANTAÇÃO DO CONJUNTO



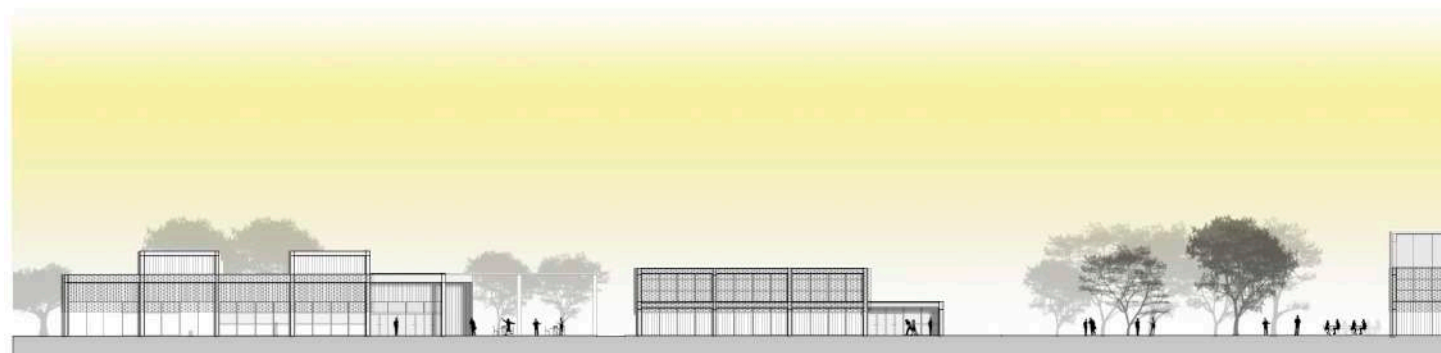
PLANTA DO REZ DO CHÃO



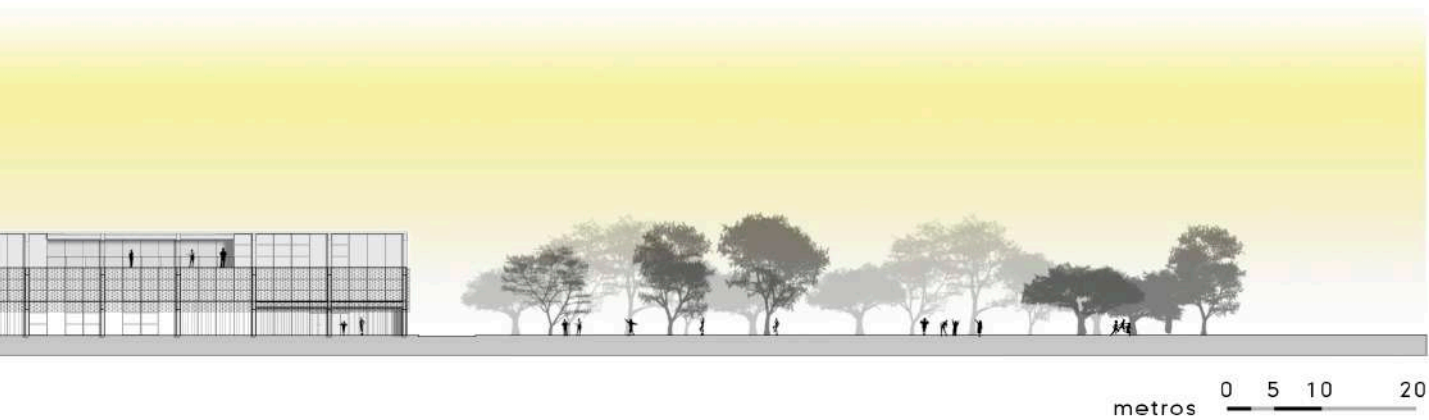
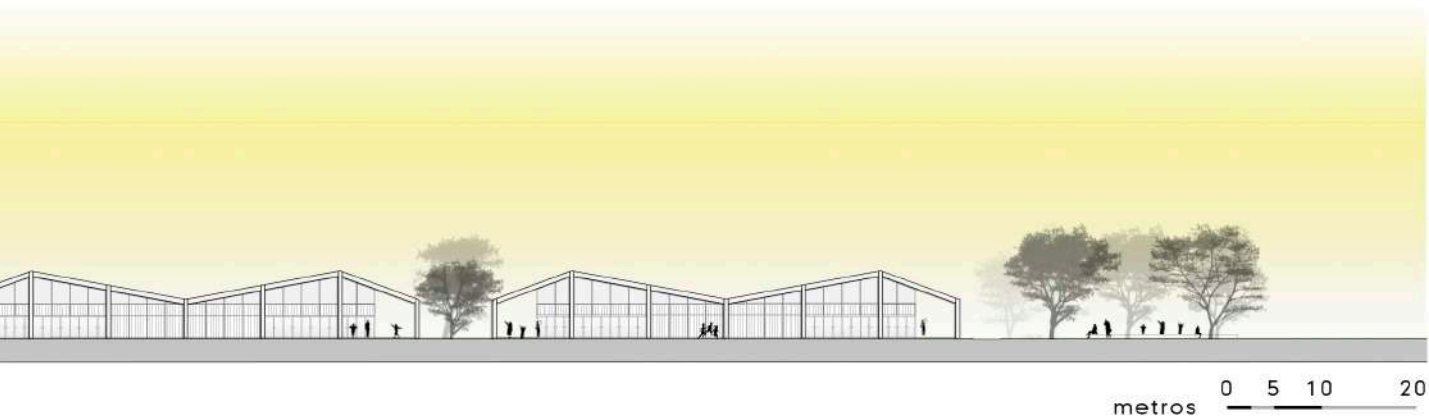


ELEVAÇÃO AA OESTE

58



ELEVAÇÃO AA LESTE



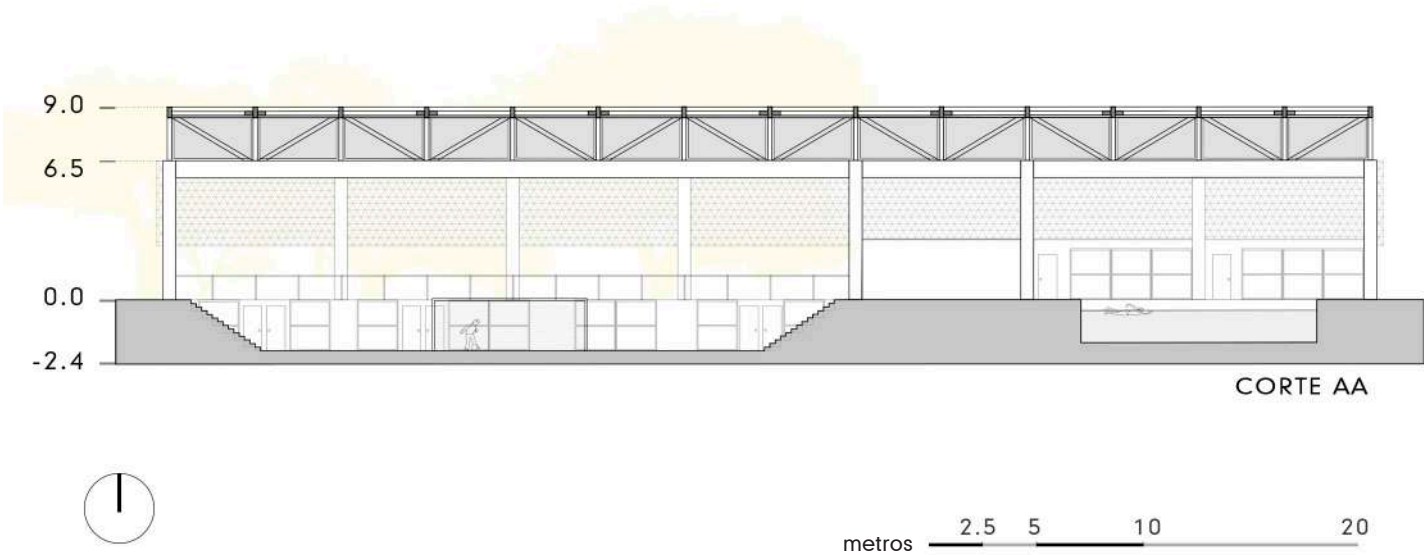
CENTRO ESPORTIVO

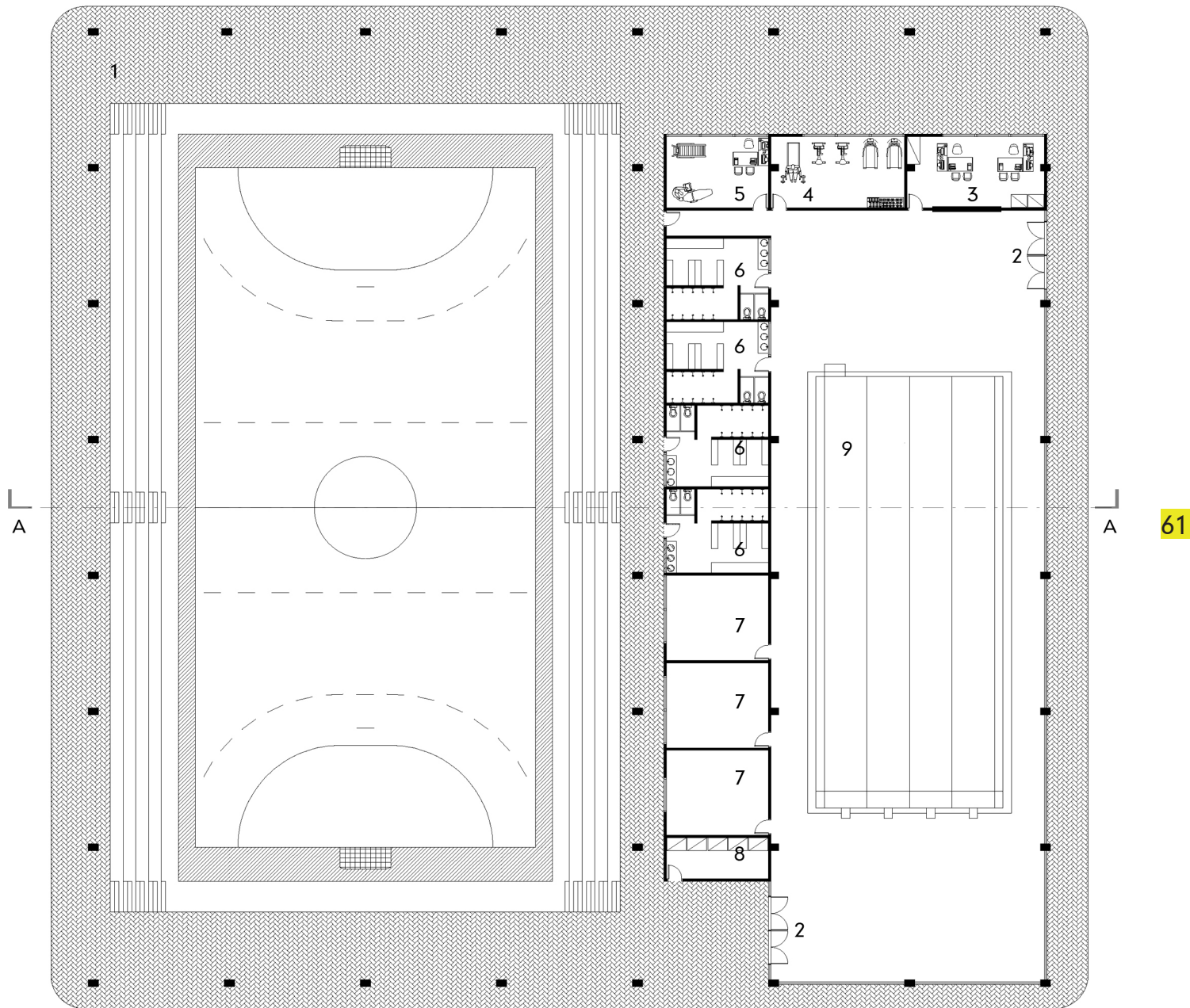
O Centro esportivo abre-se completamente para o bairro, convidando a comunidade ao uso e servindo de apoio às disciplinas práticas do ensino regular da EMEF. O nível da quadra, rebaixada a 2.40m, permite resguardá-la sem empregar telas de proteção, além de manter a extensa cobertura em uma faixa de altura condizente com os outros blocos do conjunto. As treliças fazem o seu papel estrutural para vencer os grandes vãos necessários, ao mesmo tempo que cria sheds na fachada sul, permitindo entrada de luz e circulação do ar.

PAVIMENTO TÉRREO

- 1. PASSEIO
- 2. ACESSO
- 3. RECEPÇÃO
- 4. FISIOTERAPIA
- 5. EXAME MÉDICO
- 6. VESTIÁRIOS
- 7. SALAS MULTIUSO
- 8. DEPÓSITO
- 9. PISCINA

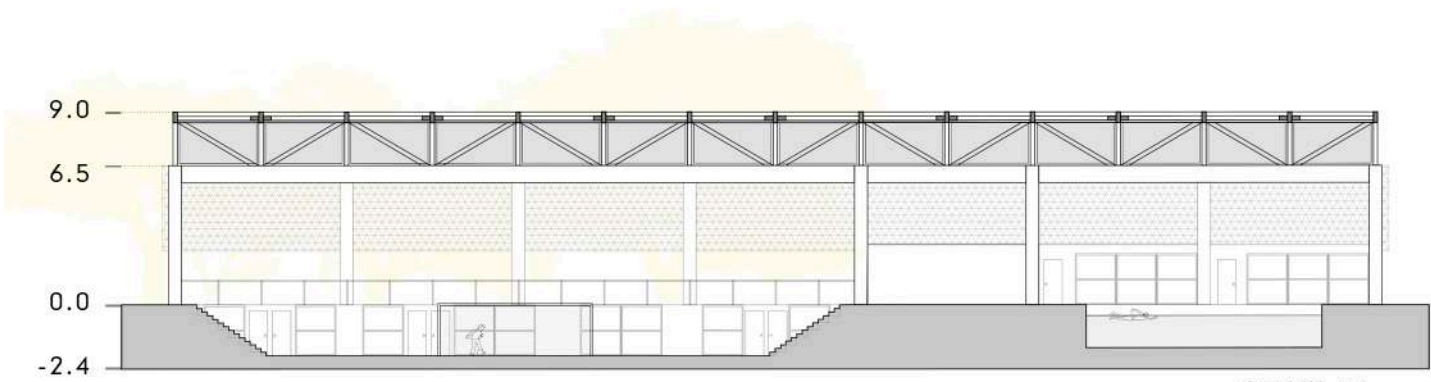
60





SUBSOLO

- 1. ARQUIBANCADAS
- 2. QUADRA POLIESPORTIVA
- 3. SANITÁRIOS
- 4. SALA DO TREINADOR
- 5. APOIO E VESTIÁRIO



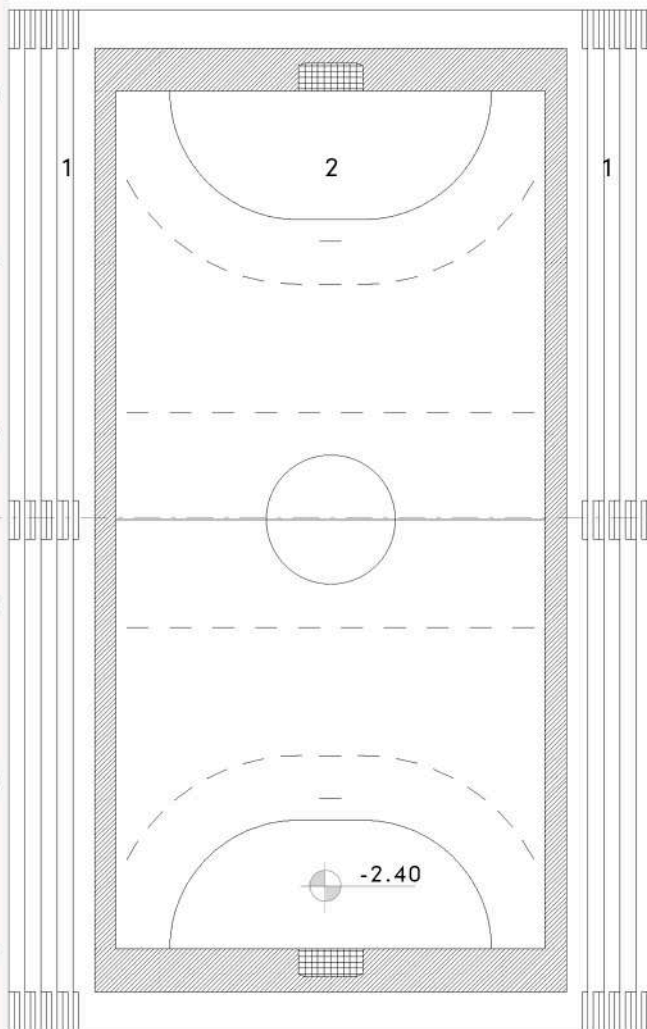
CORTE AA



L
A

L
A

63



BIBLIOTECA

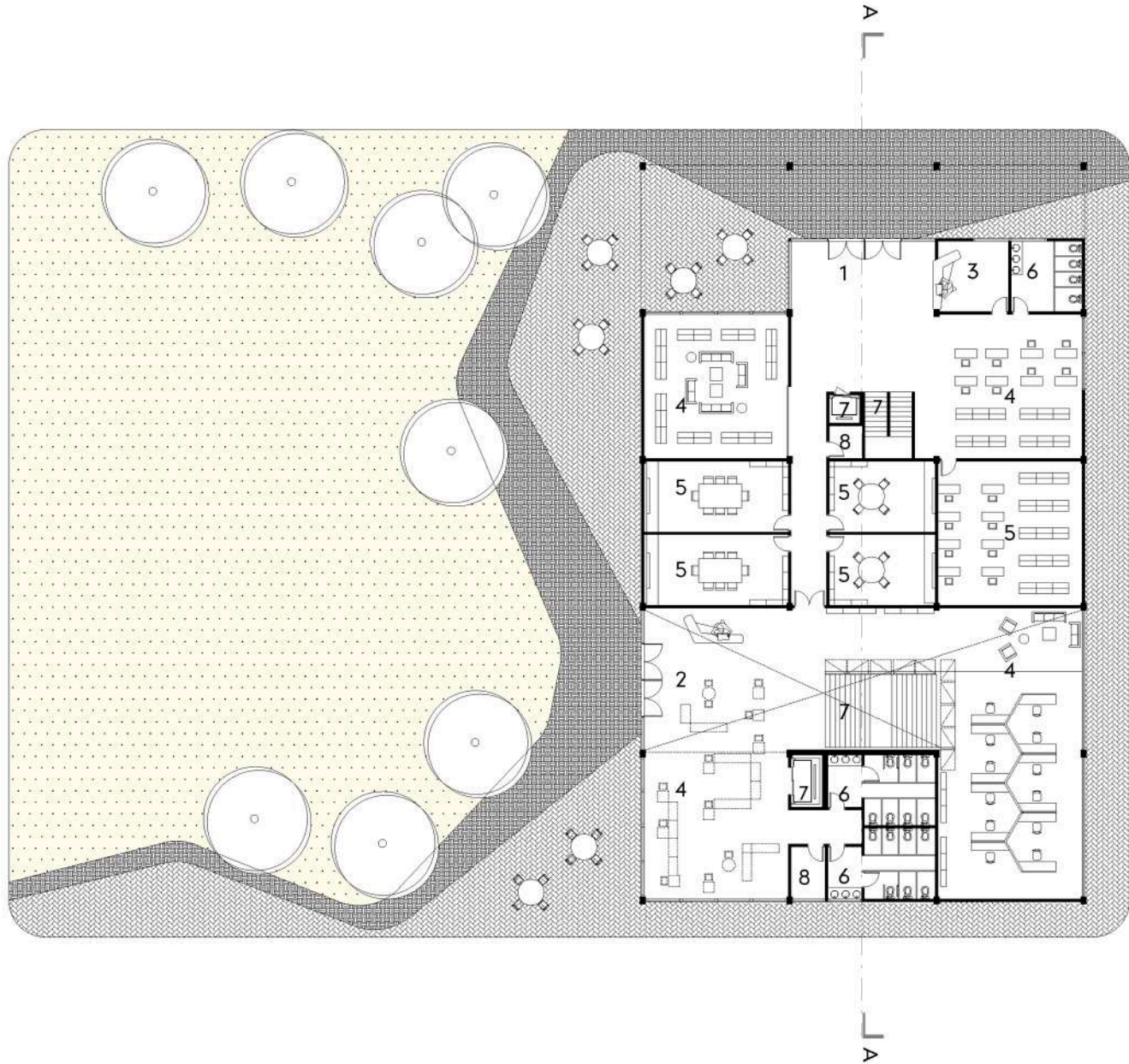
Intermediando as relações entre o bairro constituído e o CEU, uma praça acolhe a entrada principal da biblioteca, favorecendo os espaços de leitura com uma vista verdejante. Tal edifício, propõe com uma planta livre, espaços flexíveis para estudo, bem como áreas de introspecção, que favorece a concentração e o silêncio, proporcionadas por salas de recolhimento, sem contato visual com os espaços adjacentes, banhados por uma iluminação zenital. Um segundo acesso, que por sua vez faz a transição para os blocos educacionais, funciona de modo mais reservado, e assim controla o acervo institucional do equipamento.

PAVIMENTO TÉRREO

- 1. ACESSO INTERMITENTE
- 2. ACESSO 24H
- 3. RECEPÇÃO
- 4. ESPAÇOS DE LEITURA
- 5. SALAS RETIROS
- 6. SANITÁRIOS
- 7. CIRCULAÇÃO
- 8. DEPÓSITO

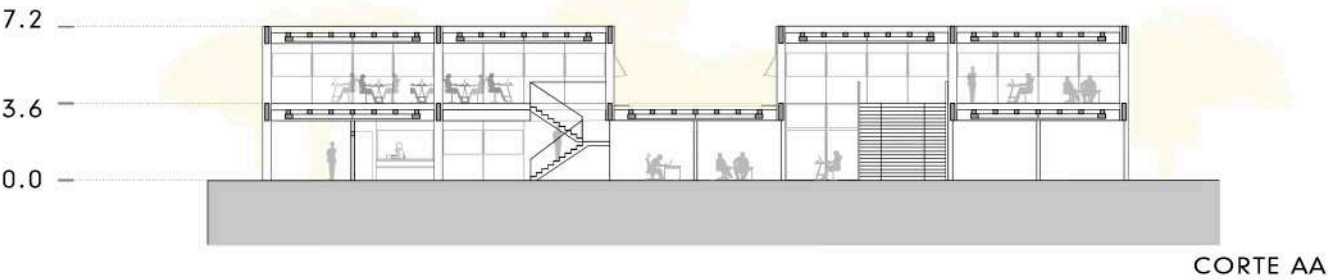
64

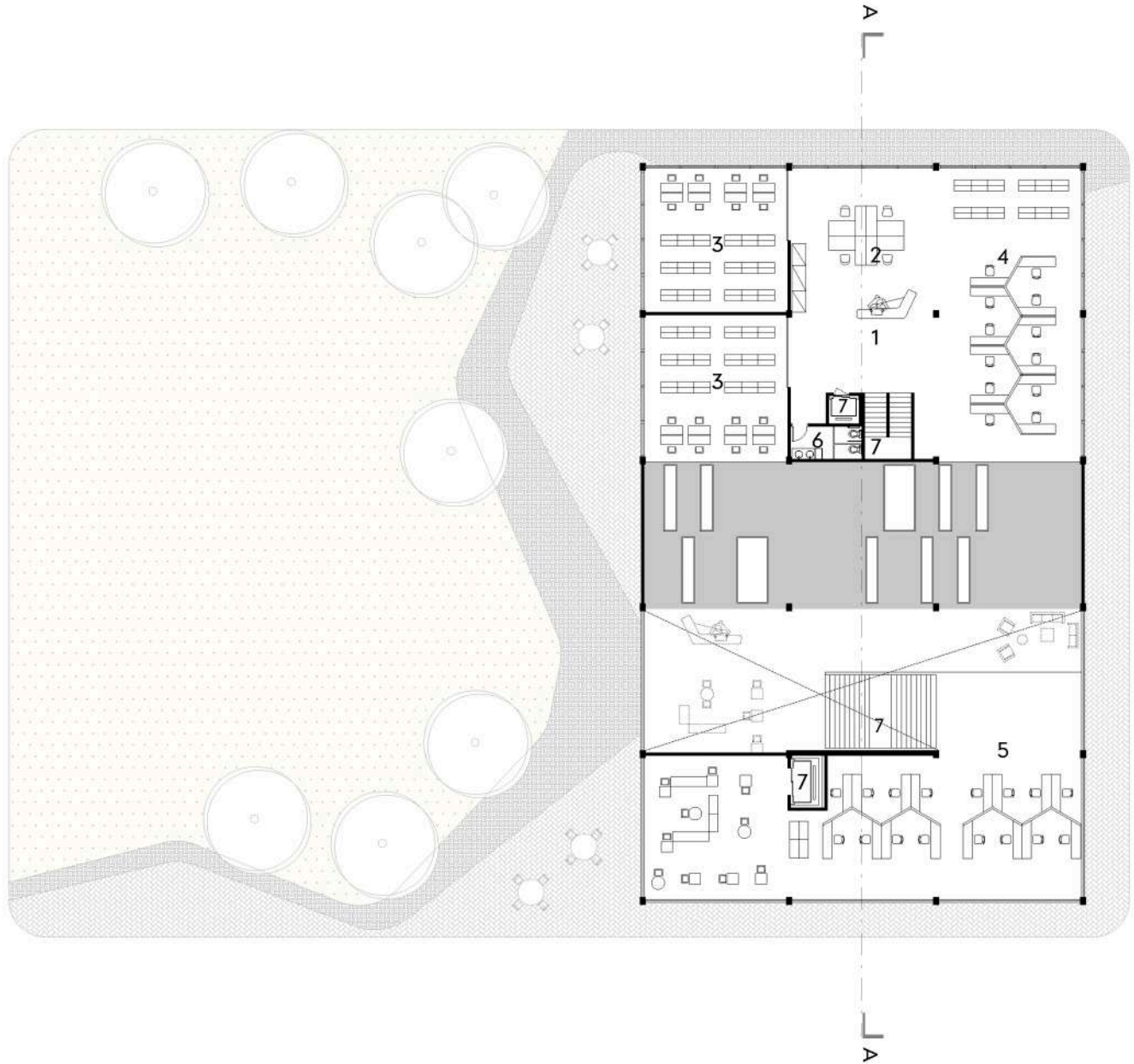




PRIMEIRO PAVIMENTO

- 1. ATENDIMENTO
- 2. ADMINISTRAÇÃO
- 3. ACERVO
- 4. INFORMÁTICA
- 5. ESPAÇOS DE LEITURA
- 6. SANITÁRIOS
- 7. CIRCULAÇÃO



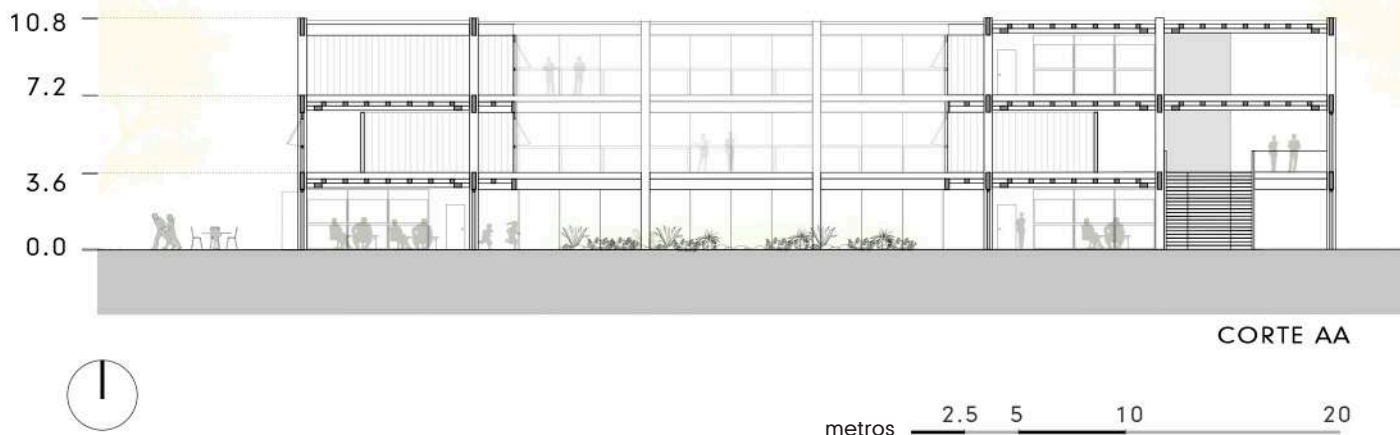


EMEF + ADM

A Escola de Ensino Fundamental também responde à intenção de criar tanto ambientes mais introspectivos para as salas pedagógicas, situando-as no primeiro pavimento e voltando suas janelas ao átrio do edifício; bem como proporcionar ambientes de flexibilidade, que fomentem interações entre grupos e o aprendizado coletivo, dadas pelas áreas livres de convívio no pavimento térreo. O contato com o espaço externo ao edifício se dá através do refeitório, fazendo da praça adjacente uma extensão desta área social, que é continuamente ativada pela presença dos estudantes. Já no segundo e último pavimento concentra-se as atividades financeiras e administrativas do CEU como um todo, regendo não apenas os espaços de ensino regular, mas cobrindo todas as atividades de gerenciamento destes equipamentos.

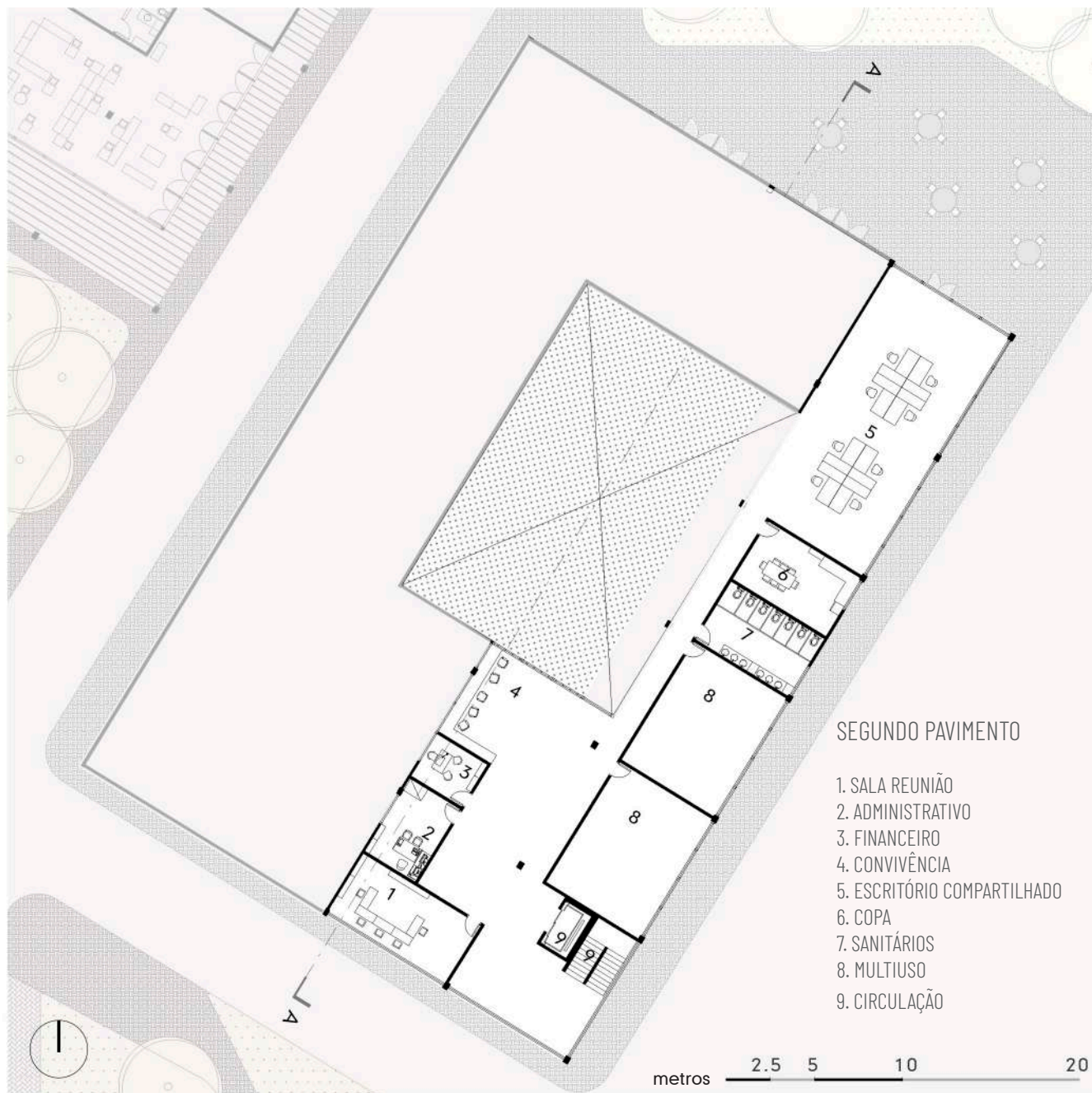
PAVIMENTO TÉRREO

1. ACESSO ALUNOS
2. ACESSO FUNCIONÁRIOS
3. SAGUÃO DE RECEPÇÃO
4. SECRETARIA
5. DIREÇÃO
6. SALA DE PROFESSORES
7. INSPEÇÃO
8. COZINHA
9. DESPENSA
10. REFEITÓRIO
11. CANTINA
12. LABORATÓRIO
13. SANITÁRIO
14. CIRCULAÇÃO
15. PÁTIO
16. ESPAÇOS DE ESTUDO
17. SAGUÃO/CONVIVÊNCIA







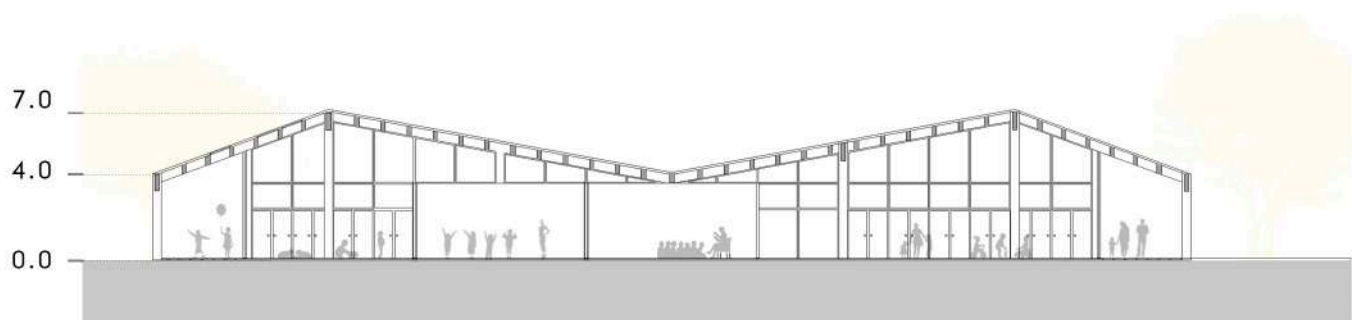


ATELIÊS DE INFÂNCIA

Os ateliês, que possuem um volume de destaque no conjunto, têm função ambivalente: durante o horário de atividade institucional, abriga o ensino infantil com ambientes de aprendizagem que formam conjuntos de salas distribuídas frente a uma grande área de convívio comum, que por sua vez, torna-se espaço de interação social e aprendizado informal durante os finais de semana. Deste modo, os ateliês fazem uma varanda para as praças, acolhem a comunidade como uma segunda casa e convidam à exploração do espaço.

PAVIMENTO TÉRREO

1. ATELIÊ CRIATIVO
2. SALAS PEDAGÓGICAS
6. SANITÁRIOS



CORTE AA



metros 2.5 5 10 20



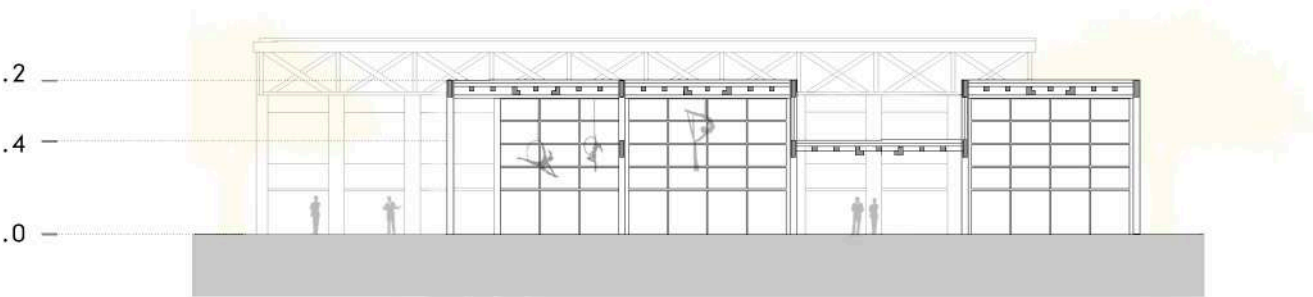
ESTÚDIO DE PRÁTICAS CORPORAIS

Para abrigar as atividades especializadas nas artes do corpo, esta edificação gere uma ala de três amplas salas de ensaio, podendo abrigar práticas de dança, atividades circenses, laboratórios musicais e outras atividades corporais. A passagem coberta que permeia o bloco configura um caminho que conduz através de seu interior ao Auditório do CEU, ligando ambos os edifícios.

PAVIMENTO TÉRREO

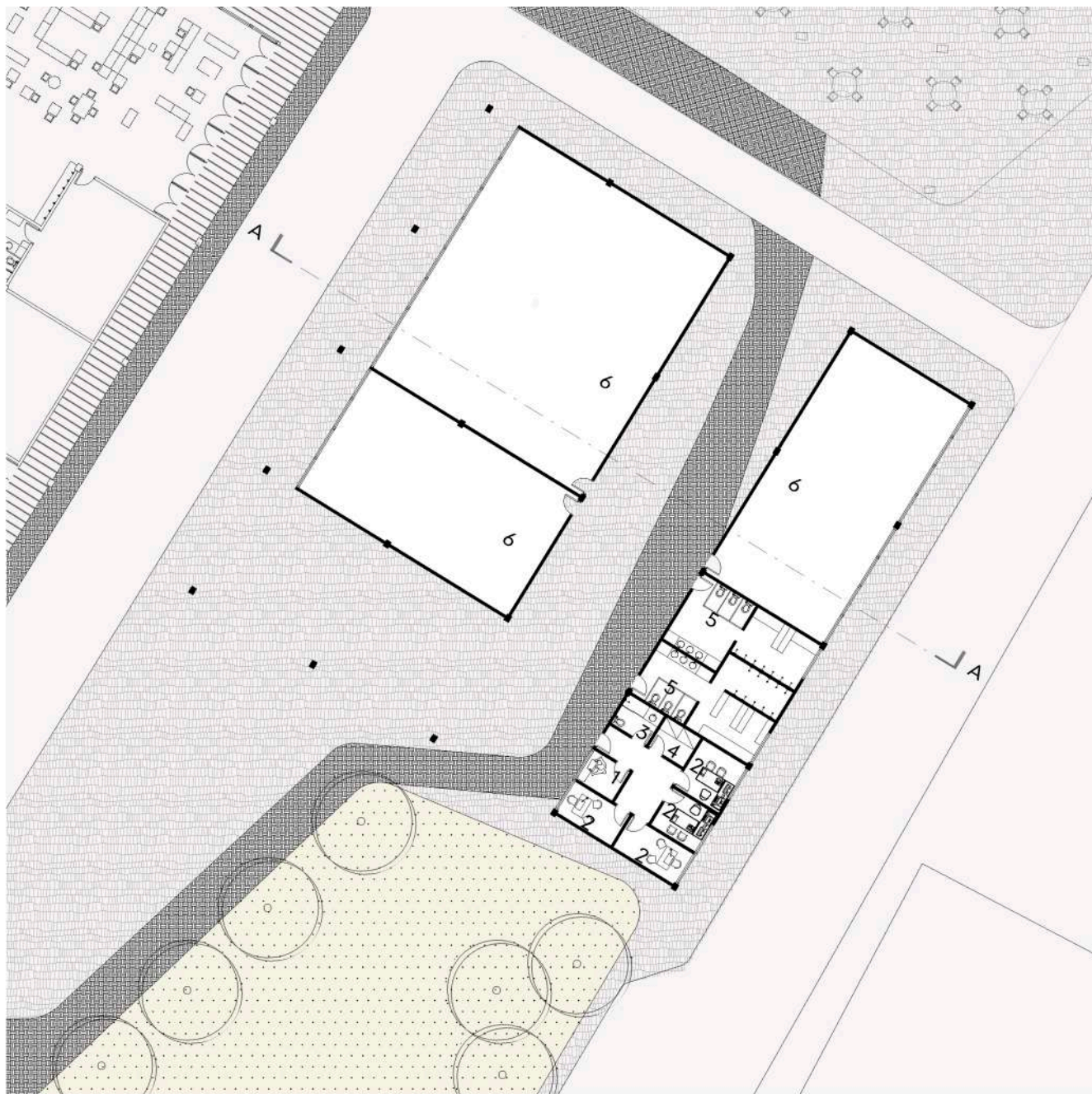
- 1. RECEPÇÃO
- 2. ADMINISTRATIVO
- 3. SANITÁRIO
- 4. DEPÓSITO
- 5. VESTIÁRIO
- 6. PRÁTICAS CORPORAIS

74



CORTE AA

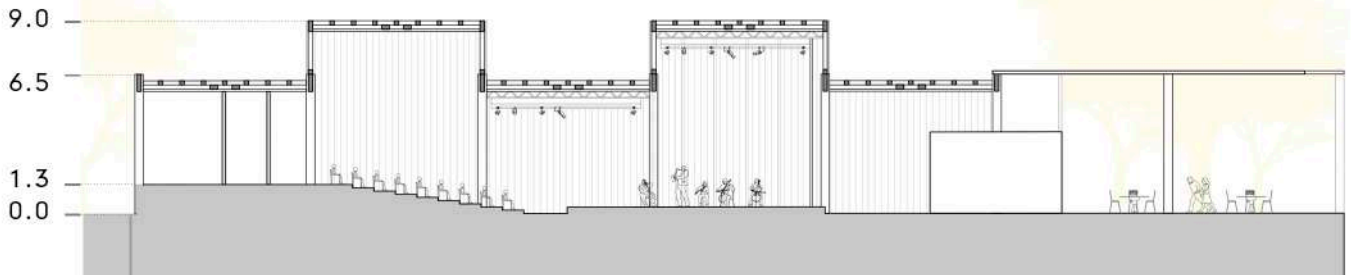




AUDITÓRIO

O auditório, que demanda um grande vão para o espaço cenográfico, fecha a composição do CEU com um volume semelhante ao centro esportivo, e as grandes treliças asseguram de mesmo modo, uma altura confortável para a disposição do urdimento. Embora o volume acabe ensimesmado como um invólucro, o saguão, por onde o público acessa o auditório, abre espaço de conexão visual com o exterior. Igualmente, a marquise que acompanha o volume tem a função de recepcionar a comunidade num espaço de estar acolhedor no diálogo com o estúdio e a praça adjacente.

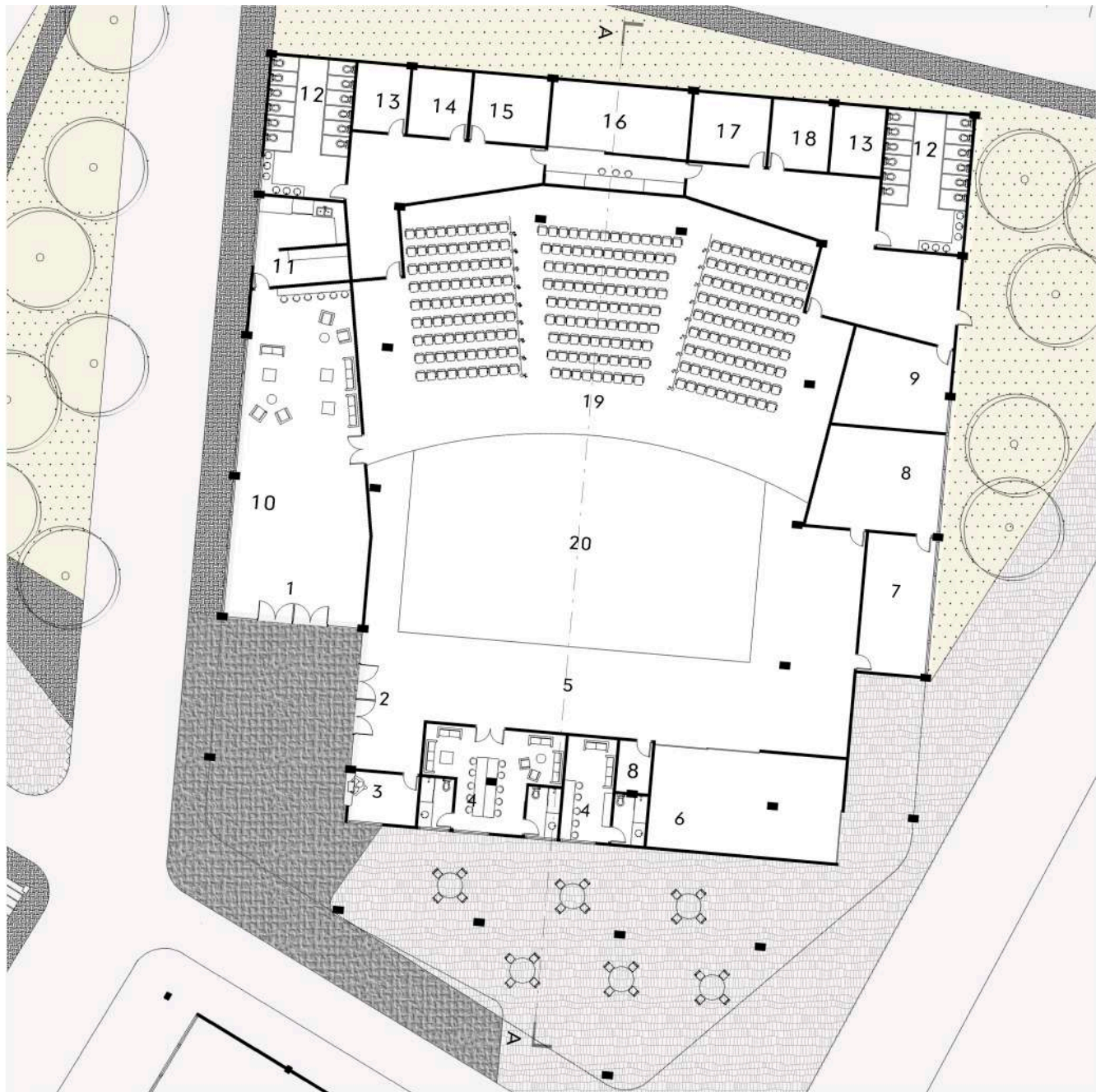
1. ACESSO PÚBLICO
2. ACESSO FUNCIONÁRIOS
3. BILHETERIA
4. CAMARIM
5. BASTIDORES
6. ARMAZÉM CENOGRÁFICO
7. MECÂNICA
8. DEPÓSITO
9. ZELADOR
10. SAGUÃO
11. CAFÉ
12. SANITÁRIO
13. ESCRITÓRIO
14. LIMPEZA
15. ALMOXARIFADO
16. TÉCNICA PALCO
17. MULTIUSO
18. CLIMATIZAÇÃO
19. PLATÉIA
20. CENA

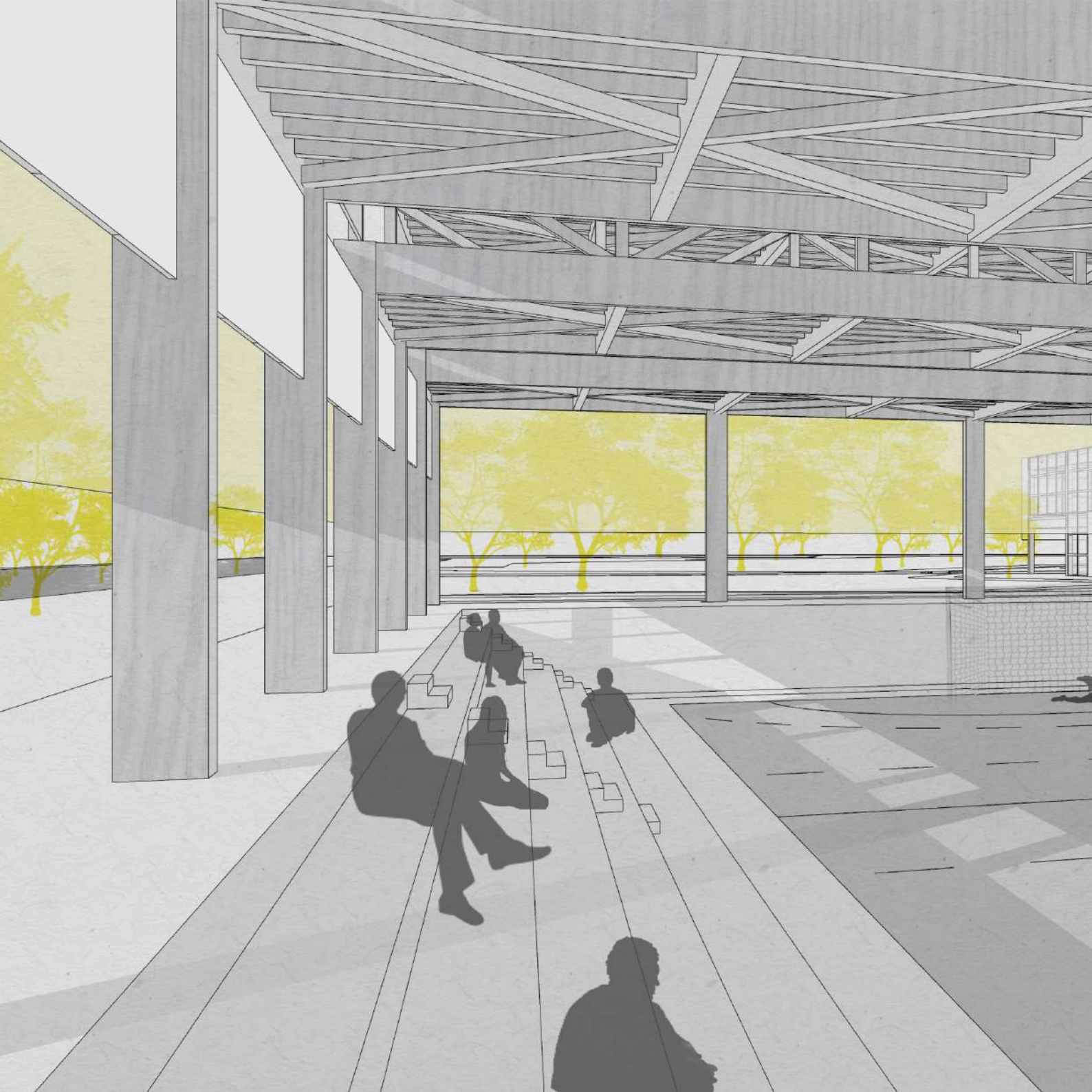


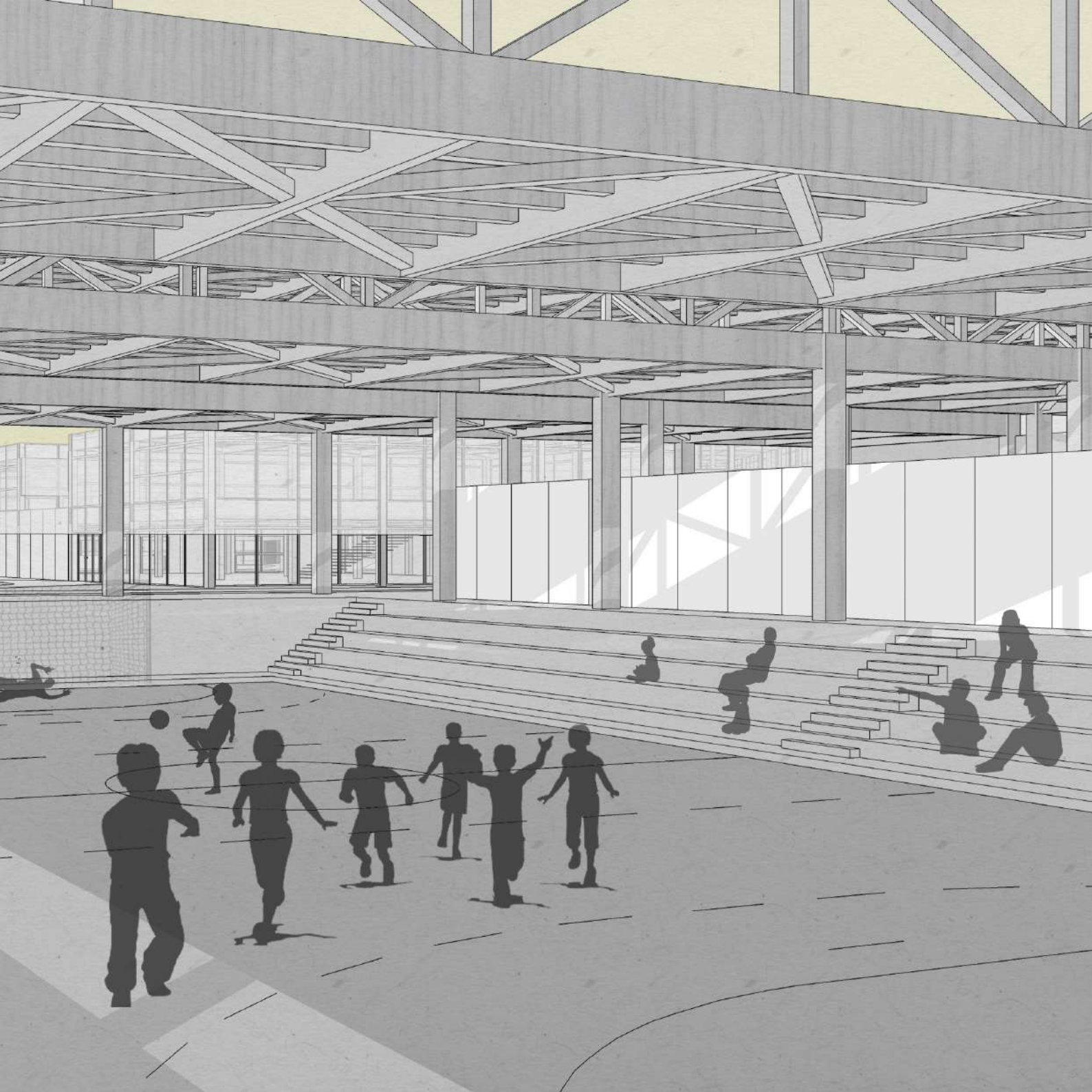
CORTE AA



metros 2.5 5 10 20



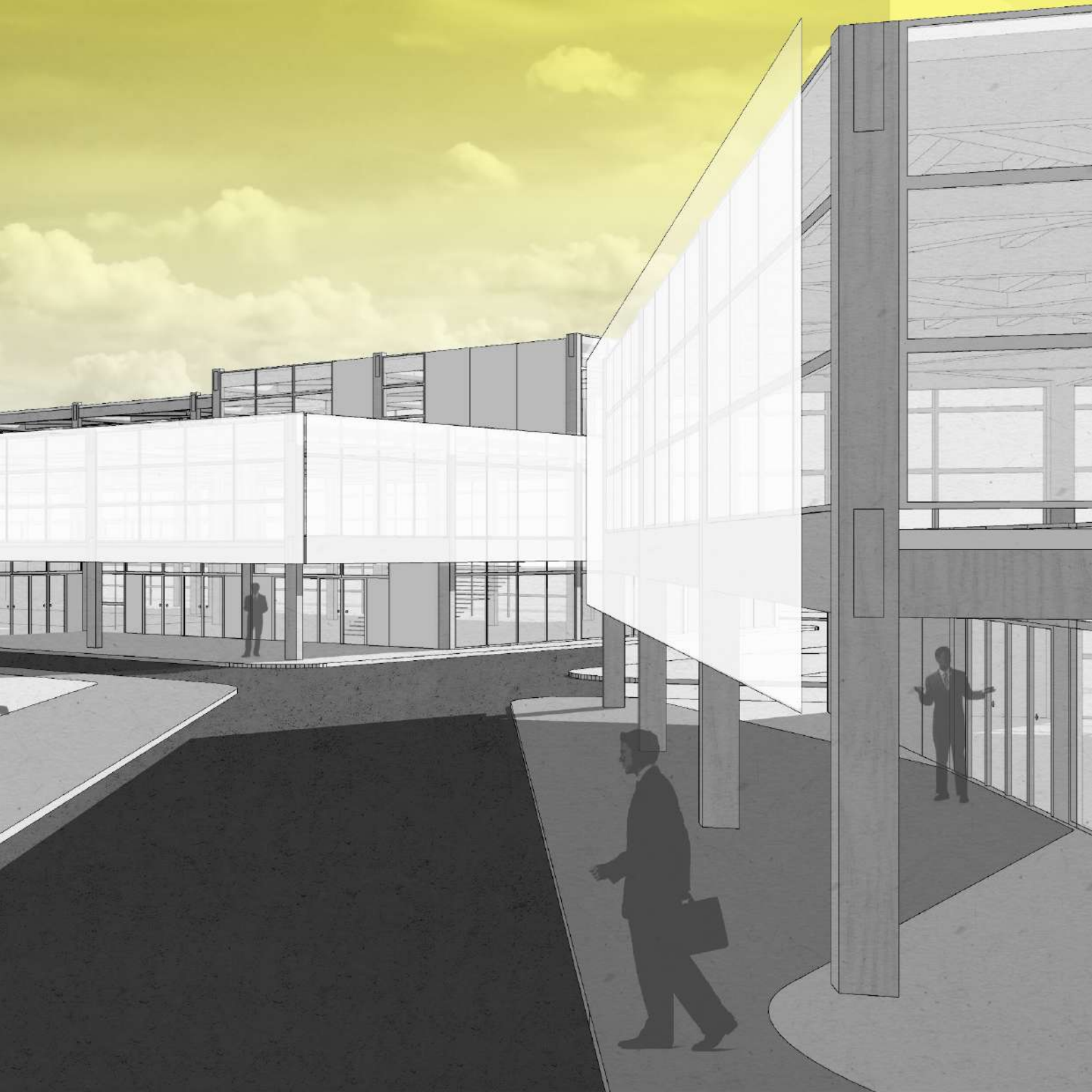






















BIBLIOGRAFIA

| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. Arquitetura escolar e educação: um modelo conceitual de abordagem interacionista (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Co- ppe/UFRJ, 2002.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
CHING, Francis. Architectura: Forma, Espacio y Orden. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

DUARTE, Hélio. O problema escolar e a arquitetura. Habitat, n. 4, São Paulo, jul. 1951.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1993.

GADOTTI, Moacir. História das ideias pedagógicas. São Paulo: Editora Ática, 1998

HEIDEGGER, Martin. Bâtir, habiter, penser. in Essais et Conférences, Paris, Gallimard, 1958.

HISSA, Cássio E. Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Cidade-corpo. Revista UFMG, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54-77, jan/jun 2013

LIMA, Mayumi Watanabe de Souza. Arquitetura e Educação. São Paulo: Studio Nobel, 1995

SENNETT, Richard. Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.

IMAGENS |

Capa: Caca Bernardes. Disponível em <<http://vaniamedeiros.com/Corpo-arquitetura>> Acesso: 16.jun.2019

Capítulos: Maria Teresa Cruz/Ponte. Disponível em <<https://ponte.org/virei-um-fantasma-diz-morador-de-favela-destruida-pela-enchente-em-sp/>> Acesso: 16.jun.2019

CEU Jambeiro. Prefeitura de São Paulo. Disponível em <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/guaianases/noticias/?p=55003>> Acesso: 16.jun.2019

CEU Pimentas: Nelson Kon. Disponível em <[https://www.archdaily.com.br/01-26029/ceu-pimentas-biselli-mais-katchborian-arquitetos/26029_26052](https://www.archdaily.com.br/br/01-26029/ceu-pimentas-biselli-mais-katchborian-arquitetos/26029_26052)> Acesso: 16.jun.2019

Reurbanização do Sapé: Pedro Vannucchi. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/796521/reurbanizacao-do-sape-base-urbana-plus-pessoa-arquitetos>> Acesso: 16.jun.2019

FABIANA GRANUSSO
2019